



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA

KÉSIA MARQUES MORAES

***BULLYING* ENTRE ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO: O FENÔMENO EM
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE SOBRAL – CEARÁ**

FORTALEZA

2012

KÉSIA MARQUES MORAES

***BULLYING ENTRE ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO: O FENÔMENO EM
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE SOBRAL – CEARÁ***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Epidemiologia

Orientador: Dr. João Joaquim Freitas do Amaral

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências da Saúde

M821b Moraes, Késia Marques
 Bullying entre escolares do ensino médio: o fenômeno em escolas do município de Sobral –
Ceará / Késia Marques Moraes. – 2012.
 81 f.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina, Mestrado em
Saúde Pública, Fortaleza, 2012.
 Área de concentração: Epidemiologia.
 Orientação: Prof. Dr. João Joaquim Freitas do Amaral

1. Bullying 2. Violência 3. Instituições Acadêmicas 4. Adolescente I. Título.

CDD 371.58

KÉSIA MARQUES MORAES

***BULLYING* ENTRE ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO: O FENÔMENO EM
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE SOBRAL – CEARÁ**

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública.

Aprovada em: 26/03/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Joaquim Freitas do Amaral (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Gomes Bezerra Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Álvaro Jorge Madeiro Leite
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Nádia Maria Girão Saraiva de Almeida
Universidade Federal do Ceará – UFC

Dedico este trabalho ao meu marido, Helanio e a minha filha Alícia por compartilharem todos os momentos da minha jornada e me darem força para continuar sempre buscando novos horizontes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, por sua infinita bondade e sabedoria, por iluminar meu caminho, por nunca me deixar fraquejar diante dos obstáculos e sempre ter me atendido quando mais precisei.

À minha mãe, Francisca Maria, pelo apoio em todos os momentos, por tudo que é e representa em minha vida, por todo o amor, pela paciência e compreensão.

Ao meu pai, Francisco Américo, pelo seu amor e orgulho, por todas as demonstrações de carinho ao longo de minha vida.

Ao meu marido, Helanio por ter priorizado os meus sonhos e esquecido um pouco os seus, pelo incentivo, pela cumplicidade e sobretudo pelo amor. Obrigada!

À minha pequenina, Alícia, que acompanhou desde o início, ainda em meu ventre toda esta jornada e que só me orgulha a cada dia.

Aos meus irmãos, Keila, Danilo e Américo pelos momentos de descontração, pelo incentivo, amizade e amor. Espero sempre ter o apoio de vocês!

Aos meus sobrinhos amados, Germano Sávio, Murilo Sávio e Lara Isabelly pelo amor tão puro, verdadeiro e sem cobranças que dedicam a mim e por tudo que aprendo quando estamos juntos.

À minha segunda família, representada pelos meus sogros, D. Benedita e Sr. José Maria pelo apoio e por sempre torcerem pelo meu sucesso.

Às amigas Regina Carvalho, Dayse Paixão, Luciana, Irislane, Luena e Michelle pelas palavras de apoio e incentivo diante das dificuldades.

Ao Professor João Amaral pelos ensinamentos repassados, pela paciência e compreensão ao longo desse período.

Aos membros da Banca Examinadora, competentes profissionais de saúde, pela disponibilidade de terem aceito o convite, contribuindo assim para o enriquecimento deste estudo. Agradeço pelas sugestões, comentários e críticas.

Aos novos amigos que fiz no mestrado: Anaísa, Isabelle, Leandro, Neiline, Eugênia e aos demais colegas pelos momentos que passamos juntos, que servirão para nos

deixar saude e nos ensinar a valorizar os pequenos gestos realizados a cada dia. Desejo muito sucesso a todos!

Aos professores deste Departamento, por todo conhecimento adquirido e disponibilidade em todos os momentos.

À professora Márcia Machado pelo apoio logo depois da minha gravidez e pelo incentivo para não desanimar.

À Zenaide e Dominik, secretárias da Coordenação do Programa de Mestrado em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará, especiais por fazerem a diferença pela dedicação com que realizam o seu trabalho.

À Coordenadora da CREDE – 6, Francisca Valdízia Bezerra Ribeiro, pela autorização para que eu adentrasse as escolas para realizar meu estudo.

A todos os diretores, coordenadores, professores e estudantes das escolas estudadas, que me acolheram de uma forma singular.

Às estudantes de enfermagem Josy e Ana Eurídice pela ajuda na coleta de dados. Vocês foram de extrema importância para a concretização deste estudo.

À Adriana Xavier pela paciência e ajuda na análise estatística.

Aos colegas de trabalho da Emergência Pediátrica da Santa Casa de Misericórdia de Sobral e do Instituto Exitus pelo apoio, incentivo e compreensão ao longo desses dois anos.

Como são muitos o que devem ser lembrados, agradeço de forma geral a todas as pessoas que passaram na minha vida, de forma breve ou marcante, fica o meu reconhecimento e gratidão. Muito obrigada!

“A violência não é um sinal de força, a
violência é um sinal de desespero e fraqueza.”

(Dalai Lama)

RESUMO

Bullying é a denominação utilizada para um conjunto de comportamentos agressivos, emitidos de maneira intencional e repetitiva, sem um estímulo motivador aparente. Pode ser classificado de diversas formas, como: verbal, física e material, psicológica e moral, sexual e virtual ou *ciberbullying*. Os objetivos do estudo foram: analisar a situação do *bullying* entre estudantes do Ensino Médio de Escolas Públicas de Sobral – CE; descrever o perfil socioeconômico, cultural e comportamental dos estudantes; identificar situações em que os estudantes se encontram como vítima, observadores ou agressores e investigar os mecanismos de enfrentamento das vítimas frente ao *bullying*. Trata-se de um estudo transversal, realizado nos meses de setembro a dezembro de 2011 em treze escolas estaduais do município de Sobral – CE com 369 estudantes. Para identificar diferença entre os grupos de alunos que eram vítima, testemunha e agressor, foram realizados teste de qui-quadrado de Pearson e Fisher, sendo utilizado valor de p menor que 0,05. Os dados foram analisados em Excel e SPSS 15. Os dados encontrados mostraram que 18,4% dos estudantes consideraram-se vítimas de agressão, as testemunhas se configuram em 44,4% e 9,5% deles se classificaram como agressores. Quanto à tipologia das agressões, destaca-se a forma verbal, identificada por 75% dos estudantes pesquisados, seguido da forma psicológica e física. No que diz respeito à idade, quanto maior a idade, menor a chance dele vir a ser vítima de agressão ($p < 0,05$). Ao associar o arranjo familiar com a presença ou não de agressão ($p < 0,05$), filhos de pais separados/divorciados tem mais chances de serem agredidos do que filhos de pais casados. Quando se trata da série e idade, os alunos do 3º ano e os mais velhos presenciaram menos episódios de agressão ($p < 0,05$). Sobre o local do evento, a sala de aula configura-se como principal local, seguido dos espaços na hora do intervalo. Mas, no que diz respeito à série e idade, os alunos do 3º ano e os mais velhos presenciaram menos episódios de agressão ($p < 0,05$). Este estudo poderá contribuir para ajudar pais, educadores, estudantes, profissionais de saúde e gestores no enfrentamento deste problema na busca de um agir educativo com políticas públicas efetivas.

Palavras-chave: *Bullying*. Violência. Escolas. Adolescente.

ABSTRACT

Bullying is the name used for a range of aggressive behaviors, delivered in an intentional and repetitive way, without an apparent motivating stimulus. It can be variously classified as: verbal, physical and material, psychological and moral, sexual and virtual or cyberbullying. The study objectives were to analyze the situation of bullying among students of the Public Schools in Sobral - CE, to describe the socioeconomic, cultural and behavioral of the students, to identify situations in which students find themselves as victims, aggressors or observers and investigate the confrontation mechanisms of the victims against the bullying. This is a cross-sectional study conducted from September to December 2011 in thirteen state schools in the city of Sobral – CE with 369 students. To identify differences between groups of students who were victims, witnesses and aggressors were conducted Pearson's chi-square test being used p value less than 0.05. The data were analyzed in Excel and SPSS 15. The results show that 18.4% of students consider themselves victims of aggression, the witnesses are configured in 44.4% and 9.5% are classified as aggressors. As to the types of aggression, there is the verb form, identified by 75% of students surveyed, followed by psychological and physical form. With regard to age, the older, lesser is the chance of the student becoming victim of aggression ($p < 0.05$). By associating the family arrangement with the presence or absence of aggression ($p < 0.05$), those whose parents are separated / divorced are more likely to be abused than children of married parents. When it comes to variety and age, students in third grade and older witness fewer episodes of aggression ($p < 0.05$). About the event location, the classroom is configured as primary site, followed by the space time interval. But, as regards the number and age, students of 3rd year and older witness fewer episodes of aggression ($p < 0.05$). This study may contribute to help parents, educators, students, health professionals and managers in facing this problem in search of an acting education with effective public policies.

Keywords: Bullying. Violence. Schools. Teenagers.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011.....	39
Tabela 2 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011	40
Tabela 3 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características da família, Sobral – CE, 2011.....	41
Tabela 4 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo hábitos de vida, Sobral – CE, 2011	42
Tabela 5 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que foi vítima de agressões na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011	43
Tabela 6 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características do agressor, Sobral – CE, 2011.....	45
Tabela 7 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que presenciou agressões na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011	46
Tabela 8 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que foi agressor na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011	47
Tabela 9 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características da vítima de agressão, Sobral – CE, 2011	50
Tabela 10 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo opiniões e percepções sobre agressões na escola, Sobral – CE, 2011	51
Tabela 11 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011.....	52
Tabela 12 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo idade, Sobral – CE, 2011.....	52
Tabela 13 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011.....	53
Tabela 14 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo características da família, Sobral – CE, 2011	54
Tabela 15 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011.....	55

Tabela 16 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo idade, Sobral – CE, 2011	55
Tabela 17 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011.....	56
Tabela 18 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo características da família, Sobral – CE, 2011	57
Tabela 19 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011	57
Tabela 20 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo idade, Sobral – CE, 2011	58
Tabela 21 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011	58
Tabela 22 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo características da família, Sobral – CE, 2011	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escolas participantes do estudo, número de alunos e amostra, Sobral – CE, 2011	34
Figura 2 – Operacionalização dos blocos do questionário, Sobral – CE, 2011.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
HBSC	Health Behaviour in School
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
PeNSE	Pesquisa Nacional sobre a Saúde do Escolar
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNICEF	Pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Meu encontro com o objeto de estudo	14
1.2 Contextualização do objeto.....	14
1.3 <i>Bullying</i> : definição e fatores de risco	16
1.4 Retrato do <i>Bullying</i>	18
1.5 Justificativa	20
2 OBJETIVOS	22
2.1 Objetivo Geral	22
2.2 Objetivos Específicos.....	22
3 REVISÃO DE LITERATURA	23
3.1 Reflexões sobre a violência na escola: <i>Bullying</i>	23
3.2 O papel da escola e da família	28
3.3 Estratégias de combate ao <i>Bullying</i>	31
4 METODOLOGIA	34
4.1 Delineamento do estudo	34
4.2 Período e local do estudo.....	34
4.3 População	35
4.4 Critérios de elegibilidade	36
4.4.1 <i>Critérios de inclusão</i>	36
4.4.2 <i>Critérios de exclusão</i>	36
4.5 Coleta de dados	36
4.6 Processamento e análise dos dados	37
4.7 Aspectos éticos	38
5 RESULTADOS	39
6 DISCUSSÃO	60
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	70
ANEXOS	73

1 INTRODUÇÃO

1.1 Meu encontro com o objeto de estudo

Como enfermeira assistencialista em um Serviço de Emergência Pediátrica tenho a oportunidade de presenciar vários casos de violência contra crianças e adolescentes e essa proximidade fez despertar o interesse por este problema que vem ganhando destaque na Saúde Pública e na mídia.

Outro fator extremamente importante na minha sensibilização para o tema foi a participação na Comissão de Atendimento e Prevenção aos Maus-tratos contra Crianças e Adolescentes do hospital em que trabalho, onde notificamos todos os casos de violência que adentram ao hospital e acompanhei um caso de uma criança com suspeita de violência sexual dentro da escola.

Esta violência muitas vezes é velada por ser considerada normal e por isso não temos a realidade deste fato em dados, pois a maioria dos casos não chega aos hospitais ou delegacias para que sejam registrados ou denunciados. Alia-se a isto também o fato de não termos políticas públicas para a redução deste agravo, o que faz com que a impunidade impere entre a sociedade.

Diante de tal vivência, passei a me questionar sobre como seria o contexto da violência dentro das escolas, sobre o tipo de violência (físico, psicológico, emocional, sexual) mais frequente, sobre a existência ou não de uma rede de apoio, ou seja, ajuda de alguém nos momentos críticos.

Percebi a importância de estudar a ocorrência de violência nas escolas, bem como compreender a ocorrência desta na vida de crianças e adolescentes. Com isso, optei por desenvolver meu estudo sobre esse assunto de grande relevância para a sociedade e através deste percebi serem poucos os trabalhos desenvolvidos sobre a temática na área da Saúde Pública.

1.2 Contextualização do objeto

A violência é compreendida como um fenômeno histórico e cultural complexo que vem tomando proporções gigantescas em nossa sociedade nos últimos anos. Uma definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgada em 2002 no *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde* a define como o uso intencional da força física ou do poder

real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG *et al.*, 2002).

O Ministério da Saúde ofereceu uma definição de violência com a qual pudesse operar a política e promover planos de ação nos três níveis de gestão, que a conceitua como ações humanas individuais, de grupos, de classes, de nações que ocasionam a morte de seres humanos ou afetam sua integridade e sua saúde física, moral, mental ou espiritual (BRASIL, 2001).

A violência geralmente é destacada em grupos mais vulneráveis, como crianças, adolescentes, mulheres e idosos e acontece em diversos cenários.

A violência contra crianças e adolescentes acompanha a trajetória da humanidade, manifestando-se de várias formas, nos diferentes momentos históricos e sociais, de acordo com a cultura de cada sociedade. As expressões deste fenômeno integram uma rede que envolve a violência estrutural (oriunda do sistema social), assim como a violência interpessoal (doméstica, trabalho, amigos, escola), atravessando diversas camadas sociais, podendo transformar vítimas em agressores (COSTA *et al.*, 2007).

O fato de serem mais vulneráveis que os adultos contribuem para as cifras de casos que, na grande maioria das vezes não são denunciados. A violência pode ser velada, quase sutil, mas não menos traumática. Brigas, ofensas, intimidações, comentários maldosos, agressões físicas e psicológicas e repressão são tipos de violência geralmente associados à infância (GROSSI; SANTOS, 2009).

Para Lopes Neto (2005), uma das formas mais visíveis da violência na sociedade é a chamada violência juvenil, assim denominada por ser cometida por pessoas com idades entre 10 a 21 anos. Grupos em que o comportamento violento é percebido antes da puberdade tendem a adotar atitudes cada vez mais agressivas, culminando em graves ações na adolescência e na persistência da violência na fase adulta.

De acordo com o autor, quando abordamos a violência contra crianças e adolescentes e a vinculamos aos ambientes onde ela ocorre, a escola surge como um espaço ainda pouco explorado com relação ao comportamento agressivo existente entre os próprios estudantes. A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil.

Segundo dados do Inquérito Viva – Vigilância de Violências e Acidentes – realizado pelo Ministério da Saúde nos anos de 2006 e 2007, a violência entre jovens é a

maior causa de morbimortalidade nesta faixa, e os locais mais frequentes de ocorrência apontados no ano de 2007 foram a via pública, a residência e a escola (BRASIL, 2009).

Para Fante (2011), a violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades. O que a torna questão preocupante é a grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade. Nesse contexto, vários estudos e pesquisas vêm sendo desenvolvidas com o intuito de contribuir para que a violência seja extirpada ou minimizada, não somente no ambiente escolar, mas em todas as esferas de relacionamentos sociais.

Sendo toda forma de violência na escola uma preocupação dos educadores e da sociedade em geral, quando ela assume um caráter sistemático aumenta obviamente esta preocupação, não só pelos efeitos que causa nas vítimas e nos agressores, a curto e longo prazo, como pelo efeito nos próprios observadores (FREIRE; SIMÃO; FERREIRA, 2006).

Para as autoras supracitadas a violência que se observa em cada escola é desencadeada por um pequeno grupo de seus alunos. Apesar disso, muitas crianças e adolescentes vem se confrontando frequentemente, no seu cotidiano escolar, com situações de agressividade (quer enquanto vítima, quer como observadores) com as quais não sabem lidar e que, por vezes afetam decisivamente o seu percurso escolar, o seu bem-estar e o seu processo de desenvolvimento pessoal e social.

1.3 *Bullying*: definição e fatores de risco

Bullying é a denominação utilizada para um conjunto de comportamentos agressivos, emitidos de maneira intencional e repetitiva, sem um estímulo motivador aparente. Trata-se de um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, privada ou pública, rural ou urbana (ALMEIDA; CARDOSO; COSTA, 2009).

Segundo Lopes Neto (2005) estes comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais.

O termo vem do inglês *bully*= valentão, brigão e é usado para identificar qualquer ato com o sentido de troçar ou gozar, tyrannizar, ameaçar, intimidar, humilhar, isolar, perseguir, amedrontar, ignorar, ofender, bater, ferir, discriminar e imputar apelidos maldosos a outrem (BRASIL, 2008).

A adoção universal do termo *bullying* foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online *School Bullying and Violence*, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra *bullying* dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como a Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros (LOPES NETO, 2005).

Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas (SILVA, 2010a).

Para esta autora formas de *bullying* são:

- Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”)
- Física e material (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima)
- Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar)
- Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar)
- Virtual ou *Cyberbullying* (*bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras e internet).

Conforme Francisco e Libório (2009), o *bullying* é um tema muito discutido na Noruega, Portugal, Espanha e Estados Unidos. No Brasil, o interesse pelo estudo do *bullying* é mais recente, requerendo esforços para que se possa compreendê-lo e propor intervenções mais articuladas com a realidade do país.

Segundo Lopes Neto (2005), fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento e influências de familiares, de amigos, da escola e da comunidade constituem riscos para a manifestação do *bullying* e causam impacto na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Diversos estudos citados por Almeida, Cardoso e Costa (2009) apontam que os fatores que tendem estar associados à presença de *bullying* em sala de aula são: agressividade por parte dos pais, desestrutura familiar, falta de limites, hiperatividade, impulsividade,

distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, baixa inteligência e desempenho acadêmico deficiente.

Antunes e Zaim (2008) revelam que alguns estudos enfatizam que ciganos, artistas de circo, estrangeiros e outros grupos nômades, além de alunos obesos e acima do peso, os de baixa estatura e os homossexuais e filhos de homossexuais, são, estatisticamente, mais alvos de seus colegas do que crianças e jovens considerados “normais”.

A conduta *bullying* torna-se mais perceptível nas salas de aula a partir do 2º ano. Os maus-tratos mais frequentes são a ofensa e a discriminação, especialmente manifestada por meio de apelidos e xingamentos ao aspecto sexual. Com as crianças de 3º e 4º ano, os atos de agressividade estão frequentemente associados aos maus-tratos físicos e chantagens, especialmente em relação aos alunos mais tímidos. Durante o Ensino Médio este comportamento é menos frequente (ALMEIDA; CARDOSO; COSTA, 2009), mas não é ausente.

Lopes Neto (2005) frisa que a redução de fatores de risco pode prevenir o comportamento agressivo entre crianças e adolescentes. Os esforços devem ser direcionados para a diminuição da exposição à violência no ambiente escolar, doméstico e comunitário, além daquele divulgado pela mídia.

1.4 Retrato do *Bullying*

Freire, Simão e Ferreira (2006), analisando diversos estudos mostram que este é um problema que ocorre em todas as escolas, em todos os níveis de ensino, área geográfica ou demográfica. Porém, sua prevalência parece ser algo variável, desde os 14% do total de crianças (uma em sete) do estudo realizado por Olweus em 1983, com alunos noruegueses de idades compreendidas entre 10 e 15 anos até aos 10% observados mais recentemente na Grã-Bretanha ou mesmo os 7% identificados pelas autoras em um estudo realizado em Portugal.

A Organização Mundial de Saúde realizou inquéritos transversais com a população escolar, como o Health Behaviour in School (HBSC), em mais de quarenta países, pesquisando situações sobre a saúde dos adolescentes e incluindo temas como a violência. Entre adolescentes de 13 anos, 14% referiram já ter sofrido *bullying* nos últimos dois meses, existindo maior frequência na Lituânia (29%) e na Suécia (4,5%) (MALTA *et al.*, 2010).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) desenvolveu o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, objetivando investigar as características desses atos entre 5500 alunos de 5ª a 8ª

série do ensino fundamental e sistematizar estratégias de intervenção capazes de prevenir a sua ocorrência (LOPES NETO, 2005).

O referido estudo mostrou que 40,5% dos alunos admitiram estar diretamente envolvidos em atos de *bullying*, sendo 16,9% como alvos, 12,7% como autores e 10,9% como alvos, ora como autores e 60,2% dos alunos afirmaram que o *bullying* ocorre mais frequentemente dentro da sala de aula.

Outro estudo realizado no Rio Grande do Sul mostrou que a grande maioria das situações envolve xingamentos, discussões, fofocas, ameaças, apelidos pejorativos e/ou maldosos e outras situações orais. Brigas, empurrões, roubos, destruição de materiais ocorrem em mais de 40% dos conflitos, mas sempre precedidos de discussão e 30% dos alunos acreditam não terem se envolvido em situações de *bullying* (GROSSI; SANTOS, 2009).

O mesmo revelou que cerca de 52,7% dos casos de *bullying* ocorreram dentro da sala de aula. Simmons (2004) cita que a sala de aula configura-se no espaço de maior intimidade do grupo e, por isso, mais propenso ao reconhecimento das diferenças entre as pessoas.

Em 2009 foi realizada uma pesquisa através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde, intitulada Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), com o propósito de identificar e descrever a ocorrência do *bullying* entre estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Trata-se do primeiro estudo sobre *bullying* com dados de todas as capitais do país.

Os resultados da PeNSE mostraram que 69,2% dos alunos pesquisados não sofreram *bullying*. O percentual dos que foram vítimas deste tipo de violência, raramente ou às vezes, foi de 25,4% e a proporção dos que disseram ter sofrido *bullying* na maior parte das vezes ou sempre foi de 5,4%. Foram observadas diferenças por sexo, sendo mais frequente entre os escolares do sexo masculino (32,6%) do que entre os escolares do sexo feminino (28,3%). Quando comparada a dependência administrativa das escolas, a ocorrência de *bullying* foi verificada em maior proporção entre os escolares de escolas privadas (35,9%) do que entre os de escolas públicas (29,5%) (IBGE, 2009).

Os estudos realizados trazem uma realidade comum a todas as escolas, e que independe se a escola é pública ou privada, na zona rural ou na zona urbana. O *bullying* sempre ocorreu, o fato é que atualmente a repercussão e as consequências são maiores, algumas vezes evoluindo para depressão ou suicídio, no que diz respeito às vítimas e em homicídio por parte dos agressores.

No Estado do Ceará não há estudos específicos sobre a temática, o que nos faz trazer alguns dados da pesquisa citada anteriormente, onde revela que em Fortaleza 14,3% dos estudantes do sexo masculino, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental estiveram envolvidos em brigas.

Poucos foram os estudos realizados com alunos do Ensino Médio, enfatizando a importância do presente estudo. Portanto, torna-se necessário que estudos sejam realizados no Ceará para que tenhamos um real diagnóstico sobre o *Bullying* e o perfil dos atores envolvidos neste evento.

1.5 Justificativa

Almeida, Cardoso e Costa (2009) destacam que em decorrência dessa agressividade, tanto as pessoas que sofrem o *bullying* quanto as que praticam a agressividade tem mais chances de desenvolver transtornos psiquiátricos na idade adulta do que aqueles que não tiveram esta experiência. Quanto ao agressor, há uma relação entre agressividade na infância e o desenvolvimento de transtornos de conduta na idade adulta.

Em suma, a presença do *bullying* parece acarretar prejuízos físicos, psicológicos e sociais, tanto para quem recebe quanto para quem pratica e esses prejuízos podem ser observados logo em seguida a sua prática ou no decorrer do desenvolvimento da criança, podendo perdurar à idade adulta.

A violência escolar é um problema mundial, que ocorre em todas as camadas sociais, assumindo proporções na contemporaneidade e expressando-se de forma crescente no âmbito social. Portanto, faz-se necessário buscar compreender este fenômeno, marcado por repercussões para a vida de todos que se envolvem.

Aliado a essa problemática soma-se a necessidade de criação ou efetivação de políticas públicas voltadas para a violência ocorrida nas escolas. No Estado do Ceará, foi criado em 2011, pela Lei nº 14.943, de 22 de junho, o Disque *Bullying*, um serviço gratuito que facilitará e incentivará a denúncia de violência ocorrida na escola (MOSCOSO, 2011). Em Sobral existe um Projeto de Lei com objetivo de combater o *bullying* de autoria do vereador Marco Prado para as escolas da rede pública de ensino de Sobral (LIMA, 2011).

A cidade de Sobral, definida para a realização do estudo, destaca-se por ser um pólo de desenvolvimento educacional em todos os níveis, fundamental, médio e superior e devido a isso nos indagamos a existência desta violência em uma cidade do interior, sendo que os estudos em destaque no Brasil são realizados em sua maioria em capitais.

Quanto à escolha pelo ensino médio, há uma escassez de estudos neste nível de escolaridade, sendo que a maioria dos estudos referenciados são todos de ensino fundamental, e esta pesquisa comprova que o *bullying* está presente também entre estes estudantes, visto que os mesmos se encontram na adolescência e por este ser um período de várias modificações no corpo, gerando diminuição da autoestima, formação de grupos, exclusão dos “diferentes” da turma.

Diante desta realidade, propõe-se estudar este problema, visto que existem vários estudos sobre o tema relacionando-o ao sistema educacional, sendo que o mesmo se caracteriza como um problema de saúde pública e que intervenções devem ser realizadas no âmbito da saúde no sentido de minimizar os danos causados por estes atos violentos.

A abordagem deve ser interdisciplinar, apoiada no avanço dos conhecimentos científicos e na superação das desigualdades, implicando na articulação da segurança, da saúde e do desenvolvimento social, devendo ser enfrentada pelos diversos setores da sociedade e do Estado.

É fundamental a parceria entre educação e saúde para reconhecer a magnitude que a prática do *bullying* vem tomando entre os estudantes de todos os níveis, pois o desafio não é simples e depende de uma intervenção interdisciplinar firme e competente.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Analisar a situação do *bullying* entre estudantes do Ensino Médio de Escolas Públicas de Sobral – CE.

2.2 Objetivos Específicos

- Descrever o perfil socioeconômico, cultural e comportamental dos estudantes;
- Identificar situações em que os estudantes se encontram como vítima, observadores ou agressores;
- Investigar os mecanismos de enfrentamento das vítimas frente ao *bullying*.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Reflexões sobre a violência escolar: *Bullying*

O *bullying* é uma prática encontrada em todas as culturas e acarreta sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico (MOURA; NOVA CRUZ; QUEVEDO, 2011).

Fante (2011) afirma que o *bullying* pode ser considerado um fenômeno novo, porque vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para suas consequências nefastas, uma vez que se evidencia pela “desigualdade entre iguais”, resultando em um processo em que os “valentões” projetam sua agressividade com requintes de perversidade e de forma oculta dentro de um mesmo contexto escolar. Por outro lado, considera-se o *bullying* como um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por motivos banais – e que até hoje ocorre despercebida pela maioria dos profissionais da educação.

As denominações são as mais diversas, porém no Brasil utiliza-se o termo em inglês por não existir um termo que conseguisse exprimir tudo que o *bullying* significa, e além disso, o uso do mesmo rótulo em diferentes países facilita a comunicação. Sabe-se que vem do inglês e quer dizer valentão, brigão (BRASIL, 2008).

Em outros países existem denominações variadas, tais como: assédio moral, *mobbing* (Noruega e Dinamarca); *mobbning* na Suécia e Finlândia; *harassment* nos Estados Unidos; *acoso y amenaza entre escolares* na Espanha; *maus tratos entre pares* em Portugal, entre outras denominações (FANTE, 2011).

Em linhas gerais o *bullying* é um fenômeno universal e democrático, pois acontece em todas as partes do mundo onde existem relações humanas e onde a vida escolar faz parte do cotidiano dos jovens. Alguns países, no entanto, apresentam características peculiares na manifestação desse fenômeno: nos EUA, o *bullying* tende a apresentar-se de forma mais grave com casos de homicídios coletivos, e isso se deve à infeliz facilidade que os jovens americanos têm de acesso às armas de fogo. Nos países da Europa, o *bullying* tende a se manifestar na forma de segregação social a até da xenofobia. No Brasil, observam-se manifestações semelhantes às dos demais países, mas com peculiaridades locais: o uso de violência com armas brancas ainda é maior que a exercida com armas de fogo, uma vez que o acesso a elas ainda é restrito a ambientes sociais dominados pelo narcotráfico. A violência na

forma de discriminação e segregação aparece mais em escolas particulares de alto poder aquisitivo, onde os descendentes nordestinos, ainda que economicamente favorecidos, costumam sofrer discriminação em função de seus hábitos, sotaques ou expressões idiomáticas típicas. Por esses aspectos é necessário sempre analisar, de maneira individualizada, todos os comportamentos de *bullying*, pois as suas formas diversas podem sinalizar com mais precisão as possíveis ações para a redução dessas variadas expressões da violência entre estudantes (SILVA, 2010).

De modo geral, o *bullying* conceitua-se, de acordo com Assis, Constantino e Avanci (2010) como abuso do poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimentos de impotência, raiva e medo, por outro. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras.

O *bullying* não é um fenômeno isolado, exclusivo de culturas específicas, mas, sim, prevalente no mundo todo, encontrado em todas as escolas, independente das características sociais, culturais e econômicas de seus usuários (LOPES NETO, 2011).

Para Fante e Pedra (2008), o fenômeno *bullying* pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade. Entre os 3 e 4 anos de idade podemos perceber o comportamento abusivo, manipulador, dominador e, por outro lado, passivo, submisso e indefeso. Porém a maior incidência está entre os alunos do 6º ao 9º ano, período em que, progressivamente, os papéis dos protagonistas se definem com maior clareza.

Uma pesquisa americana referenciada por Constantini (2004) aponta que a agressividade apresenta um aumento linear dos 3 aos 14 anos e o emprego da agressão física aumenta a partir dos 10 anos. O estudo concluiu também que a violência e as atitudes anti-sociais se incrementam dos 12 anos em diante e que as condenações penais decorrentes dos comportamentos violentos ocorrem em maior grau dos 18 aos 20 anos, podendo se prolongar por diversos anos em graves comportamentos agressivos.

No Ensino Médio, a maioria dos maus-tratos acontece de forma disfarçada, principalmente nos 1º e 2º anos, semelhantes às séries finais do ensino fundamental, ou através de pequenos ataques abertos. Sua maior incidência faz-se notar nos apelidos, ofensas, ameaças e brigas dentro e fora da escola (FANTE, 2011).

De acordo com Calhau (2011), os estudos sobre *bullying* tiveram início na década de 70 na Suécia e Dinamarca e se intensificaram na década de 80 na Noruega, especialmente

por intermédio do professor e pesquisador Dan Olweus, na Universidade de Berger. Em sua pesquisa com quase 100 mil alunos dos ensinos primário e secundário daquele país, Olweus (1997) constatou que 15% dos estudantes estavam envolvidos em casos de *bullying*. A partir de então, surgiu a preocupação com esse tipo de comportamento dentro das escolas, principalmente pelo fato de envolver crianças em idade escolar, em processo de desenvolvimento e em plena formação.

Dados indicam que os índices mundiais de alunos envolvidos no fenômeno variam de 6 a 40%. Pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 21 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre a qualidade de vida das crianças e dos adolescentes demonstra que os índices de *bullying* são alarmantes. A maior incidência está em Portugal, na Suíça e na Áustria, que apresentam 40% das vítimas do fenômeno (FANTE; PEDRA, 2008).

No Brasil, na década de 1980, o tema da violência na escola era abordado por pesquisadores a partir de manifestações relacionadas a questões de segurança pública: atos juvenis de depredações e pichações serviam de objeto para a reflexão sobre a violência. A partir da década de 1990, as relações interpessoais passaram a tornar-se centrais no fenômeno violento, apontando mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuaram a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais também (SPOSITO, 2001).

De acordo com Fante (2011), é também na década de 1990 que o *bullying* passou a ser considerado no campo de estudos sobre a violência entre pares, sendo caracterizado como atitudes agressivas de todas as formas, praticadas intencional e repetidamente, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Na década de 2000 o fenômeno do *bullying* ganhou projeção na mídia nacional e internacional, sendo largamente difundido nos meios digitais, com a criação de inúmeros sites na internet sobre a temática – a palavra *bullying* retorna no buscador Google cerca de 12 milhões de páginas, sendo que apenas 2,5% delas são de sites em língua portuguesa (FISCHER *et al.*, 2010).

Entre 2000 e 2003 foi realizada uma pesquisa pioneira por estes autores com 2 mil alunos de escolas públicas e privadas da região de São José do Rio Preto. Os resultados foram

surpreendentes: 49% dos participantes estavam envolvidos no fenômeno. Desses, 22% eram vítimas e 12% vítimas agressoras.

Para Fontaine e Réveillère (2004) as pesquisas incluíam apenas as agressões físicas e verbais, considerados “formas diretas” de *bullying*. Entretanto, à medida que o fenômeno se tornou mais evidente, observou-se que estavam esquecendo outras formas igualmente importantes de agressão, mais fáceis de detectar, caracterizadas pela ausência de manifestações explicitamente observáveis ou por ação mediada por terceiros, denominadas “formas indiretas”, cujas ocorrências mais frequentes são comentários, propagação de rumores, especialmente de caráter sexista, racista e homofóbico, exclusão ou organização de exclusão social que interdita a integração do aluno em um grupo de pares.

De acordo com a Lei Estadual nº 14651, de 12 de janeiro de 2009, de Santa Catarina, citada por Lopes Neto (2011), o *bullying* pode ser classificado como:

- **Bullying verbal:** apelidar, falar mal e insultar;
- **Bullying moral:** difamar, disseminar rumores e caluniar;
- **Bullying sexual:** assediar, induzir ou abusar;
- **Bullying psicológico:** ignorar, excluir, perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, tiranizar, chantagear e manipular;
- **Bullying material:** destroçar, estragar, furtar, roubar;
- **Bullying físico:** empurrar, socar, chutar, bater;
- **Bullying virtual ou cyberbullying:** divulgar imagens, criar comunidades, enviar mensagens, invadir a privacidade, com o intuito de assediar a vítima ou expô-la a situações vexatórias.

Para caracterizar a ocorrência do *bullying*, Olweus (1997) estabeleceu alguns critérios, tais como: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques.

Nesse contexto, destacam-se “personagens” que fazem parte deste fenômeno as vítimas ou alvos, os agressores ou autores e os espectadores ou testemunhas. Para Lopes Neto (2011), a vítima típica demonstra sintomas internalizados; adota comportamento externalizado; possui habilidades sociais deficientes, autopercepção negativa, e dificuldades na solução de problemas sociais; provém de ambientes negativos na família, comunidade e escola; apresenta alto nível de rejeição e isolamento pelos companheiros.

De acordo com Fante e Pedra (2008), os agressores são aqueles que se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São

prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. Utilizam várias formas de maus-tratos para se tornarem populares, dentre elas as “zoações”, apelidos pejorativos, expressões de menosprezo e outras formas de ataques, inclusive os físicos. Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter outro(s) ao seu domínio.

As testemunhas, para Silva (2010), não costumam ter um comportamento tão marcante. A identificação deles depende de observação mais frequente e cuidadosa, pois seu comportamento não costuma apresentar sinais explícitos que denunciem a situação que estão vivendo. Tendem, em ambos os ambientes (na escola e no lar), a se manter calados sobre o que sabem ou presenciam. Os mais ansiosos ou sensíveis contam casos ou histórias de *bullying*, mas negam que sejam reflexo de sua vivência escolar. Quando indagados, disfarçam citando cenas de filmes, novelas, seriados ou histórias da internet como a origem principal de seus comentários.

Sofrer *bullying* pode ser um fator predisponente importante para a instalação e manutenção de sinais e sintomas clínicos. A identificação de algumas dessas queixas pode ser indicativo de maus-tratos perpetrados por colegas, demonstrando a necessária atenção dos profissionais de saúde (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008).

Conforme Fante (2011), o fenômeno *bullying* estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa autoestima, capacidade de autoaceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de autoafirmação e de autoexpressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologias de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e de psicopatologias graves.

Calhau (2011) complementa que o estresse é responsável por cerca de 80% das doenças da atualidade, pelo rebaixamento da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados, principalmente próximos ao horário de ir à escola (especialmente no caso de crianças menores), como dores de cabeça, tonturas, náuseas, vômitos, dor no estômago, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão, dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelo, perda ou aumento de apetite, dores generalizadas, entre outras. Podem surgir doenças de causas psicossomáticas, como gastrite, úlcera, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios, obesidade e comprometimento de órgãos e sistemas. Nos casos mais graves, as vítimas podem até cometer suicídio ou atacar outras pessoas de forma violenta.

3.2 O papel da escola e da família

É na escola que a criança é convidada a conviver com a diversidade e com a complexidade das relações, das emoções, das ideias, das crenças e dos valores individuais. A escola é o espaço privilegiado do conhecimento, do intercâmbio, da experiência, onde o educando é convidado a entrelaçar os conteúdos curriculares às vivências cotidianas. As histórias pessoais, coconstruídas numa perspectiva sócio-histórica e representativas de um tempo e de um espaço cultural, passam a ser ressignificadas no contato com seus pares, professores e com toda a comunidade escolar, que oferecem a matéria-prima da diversidade para a construção da obra-prima da convivência (MIRANDA; DUSI, 2011).

Para Silva (2010), as escolas mais sensíveis e atentas às mudanças globais de nosso tempo já estão procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão dar conta dos novos desafios. É necessário modificar não somente a organização escolar, os conteúdos programáticos, os métodos de ensino e estudo, mas, sobretudo, a mentalidade da educação formal. Hoje é preciso dar destaque à escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos que ultrapassam as avaliações acadêmicas tradicionais.

Conforme Lopes Neto e Saavedra (2008) a escola é o segundo espaço de aprendizagem e convivência para a criança, exercendo um papel fundamental em sua vida, muito além daquele de ser simples transmissora de informações e de conhecimentos. Isso porque a dinâmica da escola pode amenizar ou, ao contrário, acentuar as dificuldades experimentadas pela criança no convívio familiar.

Os mesmos autores acrescentam que dessa forma, uma escola que estimule demais esse clima de agressão entre alunos, quando o que é valorizado é a nota alta, o sucesso, que deve ser atingido à custa de excessivo desgaste para muitos. De um modo geral, essas são escolas que, na realidade, dão muito valor ao conteúdo e à informação, ainda que teoricamente se digam preocupadas com o relacionamento interpessoal. Essa competição exagerada torna o clima tenso, vindo a gerar ansiedade nas pessoas.

Práticas agressivas de estudantes foram relatadas em escolas de todo o mundo e despertaram o crescimento de uma linha de investigação que surge com força na última década do século XX, inicialmente denominada segurança nas escolas e atualmente mais reconhecida pelo termo violência nas escolas (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010). Debarbieux (2002), ao efetuar uma análise da violência nas escolas de cidades européias,

destaca como fundamental a preocupação dos educadores sobre como lidar e evitar os comportamentos anti-sociais entre os próprios alunos e deles com os professores.

Sposito (2004) diz que a análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior da instituição escolar impõe alguns desafios aos pesquisadores e profissionais de ensino, pois demanda tanto o reconhecimento da especificidade das situações, como a compreensão de processos mais abrangentes que produzem a violência como um componente da vida social e das instituições, em especial da escola, na sociedade contemporânea.

De acordo com Assis, Constantino e Avanci (2010), a violência escolar se expressa em várias modalidades: violência entre alunos, violência de aluno contra professor, da escola e do professor contra o aluno, entre os profissionais da educação, do sistema de ensino contra a escola e o professor, do funcionário contra o aluno, do aluno contra o patrimônio da escola (depredação) e outras. Conforme diversas pesquisas, a violência protagonizada pelos alunos é a principal dentre todas as violências que se processam na escola, tanto pelos profissionais como pelos próprios estudantes.

Em primeiro lugar há que se reconhecer que a violência é um problema social. Nesse sentido, a escola tem papel fundamental na sua redução, por meio de ações e programas preventivos, em parceria com as famílias dos alunos e os diversos atores sociais, para garantir a sua eficácia. É fundamental que em cada escola se constitua uma comissão ou equipe que possa articular políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura, sem correr riscos desnecessários (FANTE; PEDRA, 2008).

Os mesmos autores acreditam que a prevenção começa pelo conhecimento. É preciso que a escola reconheça a existência do fenômeno e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento socioeducacional dos estudantes. A escola também precisa capacitar seus profissionais para observação, identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamentos corretos, levar o tema à discussão com toda a comunidade escolar e traçar estratégias preventivas que sejam capazes de fazer frente ao fenômeno. Além do engajamento de todos, é preciso contar com a ajuda de consultores externos, como especialistas no tema, psicólogos e assistentes sociais. É imprescindível o estabelecimento de parcerias com conselhos tutelares, delegacias da Criança e do Adolescente, promotorias públicas, varas da Infância e Juventude, promotorias da Educação, dentre outros.

O *bullying* é antes de tudo, uma forma específica de violência. Sendo assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social complexo e de responsabilidade de todos. Somente dessa forma a garantia de todos os esforços será atingida (SILVA, 2010).

Para a mesma autora, a escola é corresponsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola deve acionar os pais, os Conselhos Tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente etc. Caso não o faça poderá ser responsabilizada por omissão. Em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a escola também tem o dever de fazer a ocorrência policial. Dessa forma, os fatos podem ser devidamente apurados pelas autoridades competentes e os culpados responsabilizados. Tais procedimentos evitam a impunidade e inibem o crescimento da violência e da criminalidade infantojuvenil.

Para Silva (2010), a identificação precoce do *bullying* pelos responsáveis é de suma importância. As crianças normalmente não relatam o sofrimento vivenciado na escola, por medo de represálias e por vergonha. A observação dos pais sobre o comportamento dos filhos é fundamental, bem como o diálogo franco entre eles.

O envolvimento familiar é fundamental, tanto para a elaboração e execução das ações antibullying, como para a formalização do papel do orientador e do apoio para seus filhos (LOPES NETO, 2011).

A família agrega um conjunto de valores, crenças, conhecimentos e hábitos que podem influenciar práticas que promovam a saúde de seus componentes, ou, ao contrário, aumentam a vulnerabilidade dos mesmos para as doenças. A importância da relação positiva entre pais e filhos tem sido bem documentada na redução de riscos como delinquência juvenil, depressão e situações psicossomáticas (CURRIE *et al.*, 2008).

É imprescindível que os pais encontrem tempo para a convivência saudável, especialmente com os filhos, manter diálogo constante, conhecer o mundo deles e deixar que eles conheçam o dos pais. É importante que os filhos encontrem em casa um ambiente de amor e aceitação, favorável a que se expressem, tanto sobre seus triunfos e suas conquistas como sobre seus fracassos e suas dificuldades nos relacionamentos, nos estudos ou em relação a si mesmos (FANTE; PEDRA, 2008).

Convém destacar que os pais não devem hesitar em buscar ajuda de profissionais da área de saúde mental, para que seus filhos possam superar traumas e transtornos psíquicos (SILVA, 2010).

3.3 Estratégias de combate ao *Bullying*

Inúmeras ações e programas *antibullying* estão sendo desenvolvidos nas mais diversas partes do mundo, com excelentes resultados.

Para Lopes Neto (2011), todos os programas entendem as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, e que elas não podem ser tratadas de maneira uniforme. Conseqüentemente, as estratégias e ações *antibullying* devem ser definidas individualmente, observando suas prioridades, suas características ambientais e, principalmente, as influências culturais, sociais e econômicas exercidas sobre as comunidades atendidas.

Conforme o autor referido, a condição básica para que o *bullying* seja reduzido nas escolas é que sejam adotadas políticas *antibullying* pautadas no desenvolvimento de um trabalho continuado, ações incluídas no cotidiano das escolas, inserindo o *bullying* como um tema transversal e permanente em todos os momentos da vida escolar. É imprescindível a participação de toda a comunidade escolar, professores, funcionários, pais e estudantes, visto que os programas antiviolença implantados nas escolas determinaram reduções significativas nas taxas de *bullying*, que variaram de 20 a 80%.

Silva (2010) traz três etapas que podem ser utilizadas como estratégias para o combate ao *bullying*:

1) O reconhecimento pelas escolas da existência do *bullying* (em suas diversas formas) e a conscientização dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e estruturação da personalidade de seus estudantes.

2) Capacitação dos profissionais das escolas para a identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências.

3) Promoção de uma discussão ampla, mobilizando toda a comunidade, contar com a colaboração de consultores externos, especializados no tema e habituados a lidar com a questão, como pediatras, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais, além do estabelecimento de parcerias com instituições públicas ligadas à educação e ao direito, como Conselhos Tutelares, Delegacias da Criança e do Adolescente, Promotorias Públicas, Varas da Infância e Juventude, Promotorias da Educação, dentre outras.

Acrescentando a estas etapas, Lopes Neto (2011) enfatiza alguns princípios que devem ser considerados por todos que pretendem criar um programa *antibullying* transformador e eficiente:

- As ações de prevenção individuais não podem ser consideradas suficientes.

- As intervenções individuais bem-sucedidas dependem de estratégias mais amplas nas salas de aula e na escola como um todo.
- Esse fenômeno deve ser amplamente discutido na escola e as regras contra os atos de *bullying* definidas com clareza, para que todos as conheçam e que sejam adotadas universalmente.
- A meta final é a de promover a amizade, prevenir o isolamento, encorajar as ações solidárias e valorizar a diversidade.
- Os autores de *bullying* devem ser induzidos a interromper seu comportamento agressivo e a controlar seus impulsos de agressividade.
- Os professores devem intervir de maneira consistente e regular.
- A escola ou cada turma deve criar regras de convivência, que promovam o entendimento entre todos e estabeleçam as formas de intervenção contra atos agressivos.

Destaca-se no Brasil o trabalho desenvolvido por Cleo Fante, um programa *antibullying* denominado Educar para a Paz, composto por um conjunto de estratégias psicopedagógicas que visam a redução do comportamento agressivo e a formação de uma nova geração de paz nas escolas. Devido à facilidade de sua implantação, inúmeras escolas brasileiras o adotaram na íntegra ou em partes. O programa pioneiramente foi implantado em uma escola pública de São José do Rio Preto, durante os anos letivos de 2002 a 2004 (FANTE; PEDRA, 2008).

A primeira fase do programa, de acordo com os autores foi identificado que um em cada quatro alunos era vítima de *bullying*. Após dois anos de trabalho, constatou-se uma mudança significativa na realidade escolar: um em cada 25 alunos era vítima de *bullying*. Ao longo dos anos programa vem se inovando com a inclusão de novas abordagens voltadas à educação para a paz e à qualidade de vida dos educandos e educadores. O cuidado com a saúde emocional e o gerenciamento do estresse é trabalhado de maneira prática, objetivando ações preventivas que facultem a autoconhecimento e o desenvolvimento de habilidades de gerenciamento e mediação de conflitos intrapsíquicos e interpessoais.

Quanto às punições, estas vão desde suspensão, acompanhamento psicológico ou, de acordo com a gravidade do caso, expulsão da escola. Alguns estados e cidades brasileiros criaram leis *antibullying*, com o objetivo de punir os agressores, proteger as vítimas e antes de tudo, promover a conscientização da sociedade. Destaca-se a cidade do Rio de Janeiro, em que o vereador Cristiano Girão criou a lei nº5089/2009, onde a mesma dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *Bullying* escolar no projeto

pedagógico elaborado pelas escolas públicas do município do Rio de Janeiro e dá outras providências.

O governo do Ceará criou o Serviço Disque Denúncia de Combate ao *Bullying*, denominado Disque *Bullying*, a ser implantado em todos os 184 municípios, com o objetivo de facilitar e incentivar a denúncia de violência física ou psicológica ocorrida em ambiente escolar. Contudo, o serviço ainda não dispõe de número telefônico. O projeto é de autoria da deputada Inês Arruda e a Lei foi sancionada pelo governador Cid Ferreira Gomes em 22 de junho de 2011 (MOSCOSO, 2011).

Em Sobral, cidade onde o presente estudo foi realizado, tramita um Projeto de Lei *Antibullying* nº 1330/11 de autoria do vereador Marco Prado, que aguarda ser sancionado pelo prefeito Clodoveu Arruda (LIMA, 2011).

A cultura de paz é a saída para este e para todos os tipos de violência. Fante e Pedra (2008) afirmam que as escolas possuem um grande instrumento para reduzir o *bullying* e seus efeitos negativos. Os profissionais que atuam junto aos alunos, especialmente os professores, devem disseminar nos corações dos educandos as sementes da paz: a solidariedade, a tolerância, o respeito às diferenças, a justiça, a cooperação, a amizade e o amor. Para isso, é necessário haver compromisso, envolvimento e engajamento de toda a comunidade escolar, além de políticas públicas que invistam recursos na pessoa humana e na formação do educador.

4 METODOLOGIA

4.1 Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo do tipo transversal realizado em treze escolas da Rede Estadual de Ensino do município de Sobral com estudantes do Ensino Médio. A escolha por este tipo de estudo se justifica por sua realização ser mais factível.

4.2 Período e local do estudo

O estudo foi realizado em treze escolas da Rede Estadual de Ensino, localizadas na sede do município de Sobral, no período de setembro a dezembro de 2011, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Escolas participantes do estudo, número de alunos e amostra, Sobral – Ce, 2011.

ESCOLAS	BAIRRO	Nº DE ALUNOS (ENSINO MÉDIO)	AMOSTRA
1 – EEFM Professor Luís Felipe	Junco	630	25
2 – EEFM Ministro Jarbas Passarinho	Junco	1212	49
3 – CERE – Prof. José Euclides	Domingos Olímpio	943	38
4 – EEFM Dr João Ribeiro Ramos	Centro	762	30
5 – EEFM Professor Arruda	Centro	639	26
6 – CEJA (Educação de Jovens e Adultos)	Centro	1674	67
7 – Colégio Estadual Dom José	Cidao	877	35
8 – EEFM Profissional São José	Sinhá Sabóia	201	08
9 – EEFM Monsenhor José Gerardo F.Gomes	Sinhá Sabóia	899	36
10 – EEFM Sinhá Sabóia	Sinhá Sabóia	255	10
11 – EEFM Monsenhor José Ferreira	Santa Casa	146	06
12 – EEFM Professora Carmosina F.Gomes	Sumaré	611	25
13 – EEEP Dom Walfrido Teixeira Vieira	Colina	343	14
TOTAL DE ALUNOS		9192	369

Sobral é um município do Estado do Ceará, sendo a principal cidade do noroeste e a segunda mais importante do estado em termos econômicos e culturais e a terceira maior região metropolitana, atrás somente da capital Fortaleza e de Juazeiro do Norte, na região sul. Está localizada a 238 km de Fortaleza, possui uma área de 2.122.885 km² e população de 188.233 habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011).

A cidade de Sobral em sua composição escolar possui quarenta e cinco escolas municipais, que oferecem o Ensino Fundamental e dezenove escolas estaduais, que dispõem de Ensino Médio e uma com Ensino Técnico Profissionalizante, divididas entre as zonas urbana e rural. No que se refere ao Ensino Superior, a cidade conta com duas Universidades públicas e duas privadas (SOBRAL, 2011).

Das treze escolas estudadas, duas delas tem características peculiares, sendo que uma é do tipo supletivo e a outra é uma escola de regime integral e profissionalizante, onde o aluno, além das atividades de ensino sai com uma profissão de nível técnico.

4.3 População

A população alvo deste estudo foi composta por 9192 estudantes do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Ensino de Sobral regularmente matriculados.

A amostra foi definida através de cálculos no programa *Epiinfo* versão 3.5.1, usando uma prevalência de 50%, erro máximo de 5% e intervalo de confiança de 95%, chegando a um número de 369 estudantes. Para cada escola foi retirada a amostra proporcional ao número de alunos, caracterizando-a assim como amostragem proporcional ao tamanho da amostra.

A amostra foi feita por estágios múltiplos, onde selecionamos as escolas, que foram compostas pelas escolas da Rede Estadual de Ensino na sede do município de Sobral, em seguida as classes, escolhidas aleatoriamente. Como nem todas as escolas selecionadas funcionam os três turnos, optamos por realizar a pesquisa nos turnos manhã e tarde.

A pesquisa foi apresentada aos alunos de cada classe e os mesmos foram selecionados de acordo com o interesse em participar do estudo, pois estavam retornando de uma greve e alguns alunos não queriam participar, alegando o tempo que iriam ficar fora da sala de aula. Após esta etapa, os alunos foram levados até uma sala (biblioteca/auditório) assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e depois respondiam o questionário, caso fossem maiores de idade, caso contrário, o TCLE era levado até o

domicílio para o responsável pelo menor assinar e no dia seguinte o mesmo respondia ao questionário.

4.4 Critérios de elegibilidade

4.4.1 Critérios de inclusão

- Estar regularmente matriculado nas escolas definidas pelo estudo.
- Estudar nos turnos manhã ou tarde.
- Estudantes portadores de necessidades especiais que aceitem colaborar com a realização do estudo.
- Concordar em participar do estudo, sendo maior de idade e no caso de menores, mediante autorização do responsável.

4.4.2 Critérios de exclusão

- Estudar no turno da noite.
- Não aceitar participar do estudo.

4.5 Coleta de dados

Para efetuar a coleta de dados, inicialmente entrou-se em contato com os diretores ou coordenadores das escolas para apresentar o estudo, para em seguida iniciar a coleta das informações.

Os dados foram coletados mediante a aplicação de um questionário (ANEXO A) distribuído aos estudantes após explicação prévia do objetivo e conteúdo do mesmo e assinatura do TCLE.

O referido instrumento foi aplicado em um estudo com alunos do Ensino Básico na cidade de Lisboa, Portugal e no Brasil é utilizado em uma pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas intitulada Agressividade na Escola: Estudo sobre o fenômeno Bullying, financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Recebemos autorização pela pesquisadora responsável para utilização do mesmo.

O questionário é dividido em blocos, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Operacionalização dos blocos do questionário, Sobral- Ce, 2011.

BLOCO	CATEGORIA	FINALIDADE	Nº DE QUESTÕES
A	Fatores demográficos	Permite recolher um conjunto de informações sobre os alunos a ser cruzado com os diversos blocos.	18
B	Opinião sobre o ambiente escolar	Permite conhecer as percepções dos alunos sobre o ambiente escolar, facilitando a sua adesão ao questionário.	02
C	Identificação de situações de vitimização.	Permite identificar relativamente as situações de vitimização o tipo, local, frequência, as atitudes, as conseqüências, a perspectiva de uns em relação aos outros...	08
D	Identificação de situações de observação.	Permite identificar relativamente as situações de observação o tipo, local e as atitudes.	03
E	Identificação de situações de agressão.	Permite identificar relativamente as situações de agressão o tipo, local, frequência, as atitudes, as conseqüências, a perspectiva de uns em relação aos outros...	14
F G H	Auto-reflexão sobre o tema.	Permite obter informações sobre sentimentos, atribuições, estratégias de lidar com as situações e, ainda, uma auto-avaliação.	05

4.6 Processamento e análise dos dados

Para identificar diferença entre os grupos de alunos que eram vítima, testemunha e agressor, foram realizados testes de qui-quadrado de Pearson e Fisher. No caso da idade, por se tratar de variável quantitativa, foi realizado o teste de Kolmogorov-Smirnov para identificar a normalidade dos dados, que em alguns não foi atingida. Não verificando a normalidade, foi utilizado o teste de Mann-Whitney para verificar a diferença entre as médias da idade.

Das variáveis que apresentaram diferença significativa foi calculada a Razão de Prevalência (RP) e o intervalo de confiança de 95%. Apenas nas variáveis quantitativas foi calculado o *Odds Ratio* (OR) e o seu intervalo de confiança.

Vale ainda ressaltar que, foi utilizado para todos os testes o nível de significância de 5%, ou seja, para que os dados fossem considerados diferentes, o valor de p deveria ser menor que 0,05. Os dados foram armazenados e analisados em Excel e SPSS 15.

4.7 Aspectos éticos

O estudo foi submetido à apreciação da Coordenação da 6ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE) de Sobral, por meio de ofício (APÊNDICE A), e após, do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará - UFC, sendo aprovada com protocolo de nº 981 (ANEXO B) e obedeceu aos princípios estabelecidos pela Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisa envolvendo seres humanos.

Esta Resolução obedece, sob a óptica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais da Bioética: **autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade** (BRASIL, 1996).

Quanto ao princípio da autonomia, foi utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), entregue aos estudantes ou direcionado aos responsáveis, garantindo o anonimato da participação e sua desistência da pesquisa se achar necessário, assinado em duas vias, ficando uma via com o pesquisado e a outra com os autores do estudo.

No que diz respeito à beneficência, houve ponderação entre os riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos.

Sobre a não-maleficência, o estudo não apresentou riscos aos sujeitos e garantimos que danos previsíveis serão evitados, visto que não utilizamos nenhum procedimento invasivo. O princípio da justiça foi respeitado, pois todos os sujeitos da pesquisa foram submetidos aos mesmos procedimentos, sendo igualmente beneficiados dos resultados.

5 RESULTADOS

Dentre as principais características demográficas dos estudantes pesquisados descritas na Tabela 1, destaca-se como principal aspecto a predominância de estudantes maiores de idade. Os estudantes menores de idade apresentaram dificuldades para participar do estudo, visto que nem todos receberam o consentimento dos pais. Em relação ao sexo, a mostra foi constituída por 43,9% dos estudantes do sexo masculino e 56,1 % do sexo feminino. Quanto à raça/cor da pele, aproximadamente um terço dos estudantes se consideravam pardos.

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Série		
1º ano	121	32,8
2º ano	65	17,6
3º ano	183	49,6
Idade (anos)		
Até 15 anos	61	16,5
16 anos	49	13,3
17 anos	42	11,4
18 anos	89	24,1
19 anos	41	11,1
20 anos ou mais	87	23,6
Sexo		
Masculino	162	43,9
Feminino	207	56,1
Raça/cor da pele		
Branco	95	25,7
Negro	54	14,6
Mulato	82	22,2
Pardo	135	36,6
Outro	2	0,5
Não respondeu	1	0,3
Local de Nascimento		
Ceará	352	95,4
Outro estado	17	4,6

Na Tabela 2 pode-se observar algumas características dos pais, como escolaridade e situação conjugal, observa-se que aproximadamente a metade dos pais (51,2%), estudaram até o Ensino Fundamental e 10,3% são analfabetos. A escolaridade das mães dos estudantes pesquisados assemelha-se a dos pais. Aproximadamente a metade dos alunos da amostra (59,7%) apresenta os pais morando juntos (casados ou em união consensual).

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	PAI		MÃE	
	N	%	N	%
Escolaridade				
Não sabe ler nem escrever	38	10,3	54	14,6
Sabe ler e escrever	48	13,0	33	8,9
Ensino fundamental I (1ª. a 4ª série)	82	22,2	94	25,5
Ensino fundamental II (5ª. a 8ª. série)	84	22,8	95	25,7
Ensino médio	76	20,6	58	15,7
Ensino Superior	14	3,8	26	7,0
Não respondeu	27	7,3	9	2,4
Local de Nascimento				
Ceará	336	91,1	350	94,9
Outro estado	20	5,4	14	3,8
Não respondeu	13	3,5	5	1,4
Situação conjugal	N		%	
Casados	205		55,6	
Divorciados	15		4,1	
Separados	95		25,7	
Viúvo(a)	30		8,1	
União consensual	15		4,1	
Solteiros	5		1,4	
Não respondeu	4		1,1	

Os arranjos familiares mostrados na Tabela 3 são predominantemente famílias nucleares, metade dos alunos mora com os pais e irmãos, mostrando que mesmo com uma mudança no perfil da família brasileira, preserva-se ainda nesta amostra a afirmação de uma família tradicional.

Tabela 3 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características da família, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Existência de irmãos		
Sim	355	96,2
Não	13	3,5
Não respondeu	1	0,3
Quantidade de irmãos		
Um	46	13,0
Dois	102	28,7
Três ou mais	203	57,2
Não respondeu	4	1,1
Idade		
Mais velhos	93	26,2
Mais novos	87	24,5
Mais velhos e mais novos	173	48,7
Não respondeu	2	0,6
Estrutura familiar (com quem mora)		
Com os pais	96	26,0
Com pais e irmãos	87	23,6
Só com a mãe	24	6,5
Só com o pai	5	1,4
Com mãe e irmãos	68	18,4
Com pai e irmãos	8	2,2
Com os avós	14	3,8
Com os tios	7	1,9
Outros	59	16,0
Não respondeu	1	0,3

Como atividades de lazer desenvolvidas pelos pesquisados, nota-se que existe a prática de atividades culturais, muitas destas dentro da própria escola, como prática de esportes, música, dança e teatro. Cerca de $\frac{3}{4}$ (70,2%) dos escolares são católicos e o tabagismo e o etilismo não são hábitos comuns entre eles, como descreve a Tabela 4.

Tabela 4 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo hábitos de vida, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Prática de atividades culturais		
Sim	228	61,8
Não	140	37,9
Não respondeu	1	0,3
Atividades		
Esportes	143	38,8
Música	54	14,6
Dança	46	12,5
Teatro	14	3,8
Outras atividades	7	1,9
Religião		
Católica	259	70,2
Evangélica	68	18,4
Outras	3	0,8
Nenhuma/não respondeu	39	10,6
Hábito de fumar		
Sim	21	5,7
Não	347	94,0
Não respondeu	1	0,3
Hábito de beber		
Sim	78	21,1
Não	289	78,3
Não respondeu	2	0,5

Quanto à caracterização dos escolares como vítimas de *bullying*, evidenciou-se, de acordo com a Tabela 5 que existe sim estes atores nas escolas estudadas, 18,4% se consideram vítimas de agressão e os mesmos tem as agressões verbais como característica predominante na tipologia deste evento, seguida de humilhações. A agressão física também foi relatada no estudo por cerca de $\frac{1}{4}$ (26,5%) das vítimas.

Com relação à frequência do evento, em torno da metade dos estudantes sofreu agressão apenas uma vez e quase $\frac{1}{5}$ (19,1%) das vítimas foram agredidas três vezes ou mais, o que a literatura preconiza realmente como *bullying*. O cenário desta prática configura-se a sala de aula, seguida pelos espaços da escola na hora do intervalo.

Os agressores, em 30,9% da amostra, agiam em grupo, em outros casos as agressões relatadas foram realizadas por uma só pessoa, colega de escola e esta não perseguia

a vítima. Quanto à atitude tomada, alguns estudantes pediram o agressor para parar (17%) e outros pediram ajuda a um adulto (8,5%).

Tabela 5 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que foi vítima de agressões na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Vítima de agressões		
Sim	68	18,4
Não	300	81,3
Não respondeu	1	0,3
Tipos de agressões (n=68)		
Chamaram de nomes ofensivos	51	75,0
Tiraram sarro, humilharam	36	52,9
Fizeram intrigas	32	47,1
Levantaram calúnias / boatos	31	45,6
Empurraram	29	42,6
Ameaçaram	22	32,4
Bateram	18	26,5
Excluíram do grupo	17	25,0
Retiraram objetos pessoais, dinheiro etc.	17	25,0
Apalparam, contra a vontade	11	16,2
Estragaram objetos pessoais ou vestuário, de propósito	10	14,7
Machucaram de propósito (beliscões, com objetos, etc)	9	13,2
Outras agressões	13	19,1
Número de vezes que foi agredido		
1 vez	38	55,9
2 vezes	17	25,0
3 vezes	7	10,3
Mais de 3 vezes	6	8,8
Local que foi agredido		
Sala de aula	36	52,9
Recreio/Intervalo	19	27,9
Imediações da escola	15	22,1
Outros	12	17,6

Continuação da Tabela 5 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que foi vítima de agressões na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Número de agressores		
1 pessoa	32	47,1
2 pessoas	15	22,1
Grupo de pessoas	21	30,9
Agressores		
Colegas de escola	56	82,4
Outros	12	17,6
Perseguido mais de 1 vez		
Não	53	77,9
Sim, 2 vezes	10	14,7
Sim, 3 vezes	1	1,5
Sim, mais de 3 vezes	4	5,9
Alguém presenciou a agressão		
Sim	47	69,1
Não	21	30,9
Atitude tomada (n=47)		
Não fizeram nada	12	25,5
Pediram ao agressor para parar	8	17,0
Riram da situação	7	14,9
Aproximaram-se para ver	5	10,6
Recorreram a um adulto	4	8,5
Apoiaram o agressor	3	6,4
Apoiaram o agredido	3	6,4
Fugiram/tiveram medo	2	4,3
Aconselharam a afastar-se do agressor	2	4,3
Outros	1	2,1

Os escolares considerados vítimas caracterizaram seus agressores como a maioria do sexo masculino, da mesma idade e da mesma sala de aula como mostra a Tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo características do agressor, de acordo com as vítimas, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Sexo do(s) agressor(es)		
Masculino	33	48,5
Feminino	21	30,9
Ambos os sexos	14	20,6
Idade do(s) agressor(es)		
Mais velhos	14	20,6
Mais novos	10	14,7
Mesma idade	42	61,8
Mais velhos e mais novos	1	1,5
Não respondeu	1	1,5
Turma do(s) agressor(es)		
Mesma turma	37	54,4
Outra turma do mesmo ano	18	26,5
Outra turma de outro ano	13	19,1

A Tabela 7 caracterizou os escolares como espectadores do fenômeno, e cerca da metade deles (44,4%) relatou ter visto seus colegas sofrendo agressão, caracterizando como principal tipo a agressão verbal, seguida de humilhações e o local em que presenciaram o evento foi no intervalo das aulas, seguido pela sala de aula, corroborando o que foi relatado pelas vítimas anteriormente.

Tabela 7 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que presenciou agressões na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Presenciou agressões		
Sim	164	44,4
Não	204	55,3
Não respondeu	1	0,3
Tipos de agressões (n=164)		
Chamaram de nomes ofensivos	148	90,2
Tiraram sarro, humilharam	129	78,7
Fizeram intrigas	105	64,0
Empurraram	94	57,3
Bateram	90	54,9
Ameaçaram	85	51,8
Levantaram calúnias / boatos	77	47,0
Excluíram do grupo	62	37,8
Retiraram objetos pessoais, dinheiro etc.	58	35,4
Apalparam, contra a vontade	53	32,3
Estragaram objetos pessoais ou vestuário, de propósito	50	30,5
Machucaram de propósito (beliscões, com objetos, etc)	49	29,9
Outras agressões	28	17,1
Atitude tomada		
Não fiz nada	73	44,5
Pedi ao agressor para parar	28	17,1
Aconselhei-o a afastar-se do agressor	21	12,8
Recorri a um adulto	16	9,8
Ri da situação	8	4,9
Apoiei o agredido	7	4,3
Fugi/tive medo	7	4,3
Outros	9	5,5
Local em que presenciou a agressão		
Recreio/intervalo	76	46,3
Sala de aula	52	31,7
Imediações da escola	29	17,7
Corredores e escadas	23	14,0
Refeitório/cantina	11	6,7
Vestiário/Banheiro	9	5,5
Espaço para Educação Física	7	4,3
Outros	13	7,9

A Tabela 8 traz o perfil dos agressores, constatando que 9,5% dos escolares estudados se consideram agressores de seus colegas, sendo a agressão verbal a mais evidenciada, seguida pela agressão física. Quanto à frequência, cerca de 1/3 (34,3%) dos agressores violentou seus colegas por três ou mais vezes, e aproximadamente a metade em grupos (54,3%). No que se refere ao local das agressões, a sala de aula novamente se configura como palco principal desta prática violenta. Quando questionados sobre o motivo da agressão mais da metade (60,0%) respondeu que era “brincadeira”, mas houve agressores que afirmaram a agressão por vingança. Aproximadamente ¼ (22,9%) dos agressores foram punidos pela escola e mais de 1/3 (34,3%) referem precisar de ajuda para mudar seu comportamento.

Tabela 8 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que foi agressor na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Autor de agressão		
Sim	35	9,5
Não	332	90,0
Não respondeu	2	0,5
Tipos de agressões (n=35)		
Chamaram de nomes ofensivos	23	65,7
Tiraram sarro, humilharam	16	45,7
Fizeram intrigas	12	34,3
Empurraram	11	31,4
Bateram	10	28,6
Excluíram do grupo	9	25,7
Levantaram calúnias / boatos	8	22,9
Apalparam, contra a vontade	8	22,9
Estragaram objetos pessoais ou vestuário, de propósito	8	22,9
Retiraram objetos pessoais, dinheiro etc.	7	20,0
Ameaçaram	6	17,1
Machucaram de propósito (beliscões, com objetos, etc)	6	17,1
Outras agressões	3	8,6
Número de vezes que agrediu		
1 vez	14	40,0
2 vezes	7	20,0
3 vezes	1	2,9
Mais de 3 vezes	11	31,4
Não respondeu	2	5,7

Continuação da Tabela 8 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que foi agressor na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Local onde cometeu as agressões		
Sala de aula	18	51,4
Recreio/intervalo	11	31,4
Corredores e escadas	7	20,0
Refeitório/cantina	5	14,3
Vestiário/Banheiro	5	14,3
Imediações da escola	4	11,4
Espaço para Educação Física	3	8,6
Outros	7	20,0
Número de agressores		
Sozinho	14	40,0
Grupo de pessoas	19	54,3
Não respondeu	2	5,7
Praticou mais de 1 vez		
Não	24	68,6
Sim, 2 vezes	3	8,6
Sim, 3 vezes	1	2,9
Sim, mais de 3 vezes	5	14,3
Não respondeu	2	5,7
Pretende continuar agredindo		
Sim	8	22,9
Não	25	71,4
Não respondeu	2	5,7
Razões para a agressão		
“Brincadeiras”	21	60,0
Reação a provocações	6	17,1
Vingança	4	11,4
Irritação	4	11,4
Sentimento pelo agredido		
Nada	10	28,6
Pena	8	22,9
Raiva	7	20,0
Carinho	6	17,1
Desprezo	1	2,9
Outros	1	2,9
Não respondeu	2	5,7

Continuação da Tabela 8 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo situação em que foi agressor na escola ou imediações nos últimos 2 meses anteriores à pesquisa, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Alguém presenciou a agressão		
Sim	28	80,0
Não	4	11,4
Não respondeu	3	8,6
Atitude tomada (n=28)		
Não fizeram nada	12	42,9
Riram da situação	6	21,4
Apoiaram o agressor	5	17,9
Pediram ao agressor para parar	3	10,7
Recorreram a um adulto	1	3,6
Fugiram/tiveram medo	1	3,6
Castigo por causa da agressão		
Sim	8	22,9
Não	25	71,4
Não respondeu	2	5,7
Ajuda para mudar de comportamento		
Sim	12	34,3
Não	21	60,0
Não respondeu	2	5,7
Desejo de mudança de comportamento		
Sim	16	45,7
Não	17	48,6
Não respondeu	2	5,7
Atitudes para mudança de comportamento (n=16)		
Não reagi às provocações	6	37,5
Me controlei melhor	8	50,0
Convivi mais com os colegas	4	25,0
Nada	2	12,5

O que está evidenciado na Tabela 9 é o perfil do agressor na visão da vítima e pode-se perceber que o mesmo se caracteriza por ser do sexo masculino, ser da mesma idade da vítima e estudar na mesma sala.

Tabela 9 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio, segundo características do agressor, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Sexo do(s) agressor(es)		
Masculino	16	45,7
Feminino	8	22,9
Ambos os sexos	8	22,9
Não respondeu	3	8,6
Idade do(s) agressor(es)		
Mais velhos	3	8,6
Mais novos	4	11,4
Mesma idade	23	65,7
Mais velhos e mais novos	3	8,6
Não respondeu	2	5,7
Turma do(s) agressor(es)		
Mesma turma	16	45,7
Outra turma do mesmo ano	3	8,6
Outra turma de outro ano	12	34,3
Todas as turmas	2	5,7
Não respondeu	2	5,7

As opiniões e percepções dos estudantes quanto às agressões na escola são desveladas na Tabela 10, onde constata-se que 5,1% dos pesquisados consideram-se vítimas de agressão, e 36,8% delas pediram ajuda. No que diz respeito ao relacionamento com os colegas, a maioria não é considerado agressivo pela turma e concorda com a opinião dos colegas.

Tabela 10 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio segundo opiniões e percepções sobre agressões na escola, Sobral – CE, 2011.

Variáveis	N	%
Considera-se vítima		
Sim	19	5,1
Não	347	94,0
Não respondeu	3	0,8
Pedi ajuda (n=19)		
Sim	7	36,8
Não	12	63,2
A turma considera-o agressivo		
Sim	14	3,8
Não	354	95,9
Não respondeu	1	0,3
Concorda com a opinião da turma		
Sim	281	76,2
Não	87	23,6
Não respondeu	1	0,3

Com o cruzamento de algumas variáveis importantes com a categoria vítima de agressões, os pesquisados foram distribuídos por série, sexo e raça/cor da pele com a ocorrência ou não de agressões e não houve significância estatística entre elas e a ocorrência ou não da agressão, como descreve a Tabela 11.

Tabela 11 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	VÍTIMA DE AGRESSÃO				P	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Série						
1º ano	30	25,0	90	75,0	0,07	-
2º ano	11	16,9	54	83,1		
3º ano	27	14,8	156	85,2		
Sexo						
Masculino	33	20,4	129	79,6	0,42	-
Feminino	35	17,0	171	83,0		
Raça/cor da pele						
Branco	22	23,2	73	76,8	0,49	-
Negro	11	20,4	43	79,6		
Mulato	11	13,4	71	86,6		
Pardo	24	17,8	111	82,2		
Outro	0	0,0	2	100,0		

Com relação à idade, pela Tabela 12, observa-se que a média de idade do grupo que foi vítima é estatisticamente menor do que o grupo que não foi vítima. Para cada ano de idade que aumenta, a chance do indivíduo ser vítima diminui em 11% (OR=0,89).

Tabela 12 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo idade, Sobral – CE, 2011. Teste Mann-Whitney.

VARIÁVEIS	VÍTIMA DE AGRESSÃO		P	OR[IC 95%]
	Sim	Não		
Idade (anos)				
Média	17,6	18,9	0,02*	0,89[0,80-0,98]
Erro padrão	0,4	0,2		

*. Significativo.

A escolaridade do pai e da mãe não influencia no fato do aluno ser vítima de agressões ou não. No que diz respeito à situação conjugal dos pais o indivíduo que tem os pais separados ou divorciados apresenta chance 1,7 vezes maior de ser vítima do que os alunos cujos pais são casados. Os outros estados civis não representaram diferença significativa, como mostra a Tabela 13.

Tabela 13 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	VÍTIMA DE AGRESSÃO				P	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Escolaridade do pai						
Não sabe ler nem escrever	6	15,8	32	84,2	0,58	-
Sabe ler e escrever	6	12,5	42	87,5		
Ensino fundamental I	17	20,7	65	79,3		
Ensino fundamental II	19	22,6	65	77,4		-
Ensino médio	12	15,8	64	84,2		
Ensino Superior	4	28,6	10	71,4		
Escolaridade da mãe						
Não sabe ler nem escrever	9	16,7	45	83,3	0,98	-
Sabe ler e escrever	5	15,2	28	84,8		
Ensino fundamental I	19	20,2	75	79,8		
Ensino fundamental II	19	20,0	76	80,0		
Ensino médio	10	17,2	48	82,8		
Ensino Superior	5	19,2	21	80,8		
Situação conjugal						
Casados	29	14,1	176	85,9		1,0
Separados/Divorciados	26	23,6	84	76,4	0,03*	1,7[1,0-2,7]
Solteiros/ Viúvo(a)	9	25,7	26	74,3	0,09	1,8[0,9-3,5]
União consensual	4	26,7	11	73,3	0,20	1,9[0,8-4,7]

*. Significativo.

Percebe-se na Tabela 14 que o indivíduo ter irmãos e a sua quantidade não influenciam no fato do aluno ser vítima ou não. No entanto, o indivíduo que tem irmãos mais novos tem 1,9 vezes mais chance de ser vítima do que os alunos com irmãos mais velhos. Não houve diferença com os indivíduos que tem irmãos mais velhos e mais novos, ou seja, o aluno que é o filho mais velho tem mais chance de ser vítima de agressão do que os que são filhos mais novos ou do meio.

Tabela 14 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio vítimas de agressões segundo características da família, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	VÍTIMA DE AGRESSÃO				p	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Existência de irmãos						
Sim	67	18,9	288	81,1	0,48	-
Não	1	7,7	12	92,3		
Quantidade de irmãos						
Um	13	28,3	33	71,7	0,11	-
Dois	14	13,7	88	86,3		
Três ou mais	40	19,7	163	80,3		
Idade dos irmãos						
Mais velhos	14	15,1	79	84,9		1,0
Mais novos	25	28,7	62	71,3	0,03*	1,9[1,1-3,4]
Mais velhos e mais novos	28	16,2	145	83,8	0,81	1,1[0,6-1,9]

*. Significativo.

As variáveis série, sexo e raça/cor da pele foram associadas ao fato de testemunhar ou não uma agressão. Com relação ao sexo e raça/cor da pele, não houve diferença significativa entre os alunos que foram testemunhas da agressão e os que não foram, como descreve a Tabela 15.

Não houve diferença significativa entre o 1º e 2º anos. O aluno do 3º ano tem a chance 30% menor (RP=0,70) de presenciar uma agressão do que os alunos de 1º e 2º anos.

Tabela 15 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	TESTEMUNHA DE AGRESSÃO				p	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Série						
1º ano	63	52,5	57	47,5		1,0
2º ano	34	52,3	31	47,7	0,98	1,00[0,75-1,33]
3º ano	67	36,6	116	63,4	0,01*	0,70[0,54-0,90]
Sexo						
Masculino	70	43,2	92	56,8	0,67	-
Feminino	94	45,6	112	54,4		
Raça/cor da pele						
Branco	40	42,1	55	57,9	0,86	-
Negro	22	40,7	32	59,3		
Mulato	36	43,9	46	56,1		
Pardo	65	48,1	70	51,9		
Outro	1	50,0	1	50,0		

*. Significativo.

Analisando a idade pela Tabela 16, observa-se que a média de idade no grupo que testemunhou agressões foi estatisticamente menor do que no grupo que não testemunhou. Para cada ano de idade que aumenta a chance do individuo testemunhar agressões diminui em 23% (OR=0,77).

Tabela 16 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo idade, Sobral - CE, 2011. Teste Mann-Whitney.

VARIÁVEIS	TESTEMUNHA DE AGRESSÃO			OR[IC 95%]
	Sim	Não	p	
Idade (anos)				
Média	17,3	19,7	<0,01*	0,77[0,70-0,84]
Erro padrão	0,2	0,3		

*. Significativo.

A Tabela 17 traz as características dos pais como variáveis e percebe-se que a escolaridade do pai e da mãe e a situação conjugal não influenciam no fato dos estudantes terem testemunhado agressão ou não.

Tabela17 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	TESTEMUNHA DE AGRESSÃO				p	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Escolaridade do pai						
Não sabe ler nem escrever	13	34,2	25	65,8	0,30	-
Sabe ler e escrever	16	33,3	32	66,7		
Ensino fundamental I	41	50,0	41	50,0		
Ensino fundamental II	42	50,0	42	50,0		-
Ensino médio	34	44,7	42	55,3		
Ensino Superior	6	42,9	8	57,1		
Escolaridade da mãe						
Não sabe ler nem escrever	21	38,9	33	61,1	0,87	-
Sabe ler e escrever	13	39,4	20	60,6		
Ensino fundamental I	43	45,7	51	54,3		
Ensino fundamental II	44	46,3	51	53,7		
Ensino médio	28	48,3	30	51,7		
Ensino Superior	13	50,0	13	50,0		
Situação conjugal						
Casados	84	41,0	121	59,0	0,32	-
Separados/Divorciados	54	49,1	56	50,9		
Solteiros/ Viúvo(a)	15	42,9	20	57,1		
Amasiado(s) / Amigado(s)	9	60,0	6	40,0		

*. Significativo

A Tabela 18 distribui os estudantes quanto às características da família e concluiu-se que o indivíduo ter irmãos e a sua quantidade não influenciam no fato do aluno ter testemunhado atos de agressões ou não. No entanto, o indivíduo que tem irmãos mais novos tem 1,6 vezes mais chance de ser testemunha do que os alunos com irmãos mais velhos. Não houve diferença com os indivíduos que tem irmãos mais velhos e mais novos, ou seja, o aluno que é o filho mais velho tem mais chance de ter testemunhado agressões do que os que são filhos mais novos ou do meio.

Tabela 18 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio testemunhas de agressões segundo características da família, Sobral - CE, 2011.

VARIÁVEIS	TESTEMUNHA DE AGRESSÃO				p	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Existência de irmãos						
Sim	158	44,5	197	55,5	0,99	-
Não	6	46,2	7	53,8		
Quantidade de irmãos						
Um	26	56,5	20	43,5	0,19	-
Dois	45	44,1	57	55,9		
Três ou mais	85	41,9	118	58,1		
Idade dos irmãos						
Mais velhos	32	34,4	61	65,6		1,0
Mais novos	47	54,0	40	46,0	0,01*	1,6[1,1-2,2]
Mais velhos e mais novos	78	45,1	95	54,9	0,09	1,3[0,9-1,8]

*. Significativo.

Nas tabelas 19 e 20 observa-se que idade, sexo, raça/cor da pele e série estudada não influenciam no fato do estudante ser agressor ou não.

Tabela 19 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo características pessoais, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	AGRESSOR				P	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Série						
1º ano	14	11,7	106	88,3	0,28	-
2º ano	8	12,5	56	87,5		
3º ano	13	7,1	170	92,9		
Sexo						
Masculino	18	11,2	143	88,8	0,37	-
Feminino	17	8,3	189	91,7		
Raça/cor da pele						
Branco	9	9,5	86	90,5	0,29	-
Negro	1	1,9	53	98,1		
Mulato	9	11,1	72	88,9		
Pardo	16	11,9	119	88,1		
Outro	0	0,0	2	100,0		

Tabela 20 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo idade, Sobral – CE, 2011. Teste Mann-Whitney.

VARIÁVEIS	AGRESSOR		P	OR[IC 95%]
	Sim	Não		
Idade (anos)				
Média	17,7	18,7	0,12	-
Erro padrão	0,6	0,2		

*. Significativo.

Em relação à escolaridade do pai e da mãe e a situação conjugal não influenciam no fato do aluno ser agressor ou não, como visto na Tabela 21.

Tabela 21 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo características dos pais ou responsáveis, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	AGRESSOR				P	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Escolaridade do pai						
Não sabe ler nem escrever	2	5,3	36	94,7	0,25	-
Sabe ler e escrever	1	2,1	47	97,9		
Ensino fundamental I	11	13,4	71	86,6		
Ensino fundamental II	11	13,1	73	86,9		-
Ensino médio	7	9,3	68	90,7		
Ensino Superior	2	14,3	12	85,7		
Escolaridade da mãe						
Não sabe ler nem escrever	3	5,6	51	94,4	0,08	-
Sabe ler e escrever	2	6,1	31	93,9		
Ensino fundamental I	10	10,6	84	89,4		
Ensino fundamental II	5	5,3	89	94,7		
Ensino médio	7	12,1	51	87,9		
Ensino Superior	6	23,1	20	76,9		
Situação conjugal						
Casados	19	9,3	185	90,7	0,78	-
Separados/Divorciados	10	9,1	100	90,9		
Solteiros/ Viúvo(a)	5	14,3	30	85,7		
Amasiado(s) / Amigado(s)	1	6,7	14	93,3		

*. Significativo.

O indivíduo ter irmãos, a sua quantidade e a idade dos mesmos não influenciam no fato do estudante ser agressor ou não, de acordo com a Tabela 22.

Tabela 22 – Distribuição dos estudantes do Ensino médio agressores segundo características da família, Sobral – CE, 2011.

VARIÁVEIS	AGRESSOR				P	RP[IC 95%]
	Sim		Não			
	N	%	N	%		
Existência de irmãos						
Sim	32	9,0	322	91,0	0,12	-
Não	3	23,1	10	76,9		
Quantidade de irmãos						
Um	7	15,2	39	84,8	0,29	-
Dois	9	8,8	93	91,2		
Três ou mais	16	7,9	186	92,1		
Idade dos irmãos						
Mais velhos	5	5,4	87	94,6	0,24	-
Mais novos	11	12,6	76	87,4		
Mais velhos e mais novos	16	9,2	157	90,8		

*. Significativo

6 DISCUSSÃO

A violência configura-se como um importante problema de saúde pública, ocorrendo de diversas formas e nos mais variados locais, inclusive na escola. Este estudo procurou descrever a prevalência de *bullying* nas escolas públicas de Ensino Médio na cidade de Sobral – CE.

Diante de vários estudos realizados, o *bullying* é mais evidenciado entre estudantes de nível primário ou Ensino Fundamental. Entretanto, destaca-se um estudo realizado entre estudantes de Ensino Médio, um citado por Derbabeux (2002), realizado na França e na Inglaterra, onde o mesmo procurou avaliar a atmosfera das escolas, o sentimento de insegurança e a vitimização nas escolas secundárias europeias. Foram utilizados questionários e entrevistas em escolas secundárias francesas e inglesas com 1.679 estudantes ingleses e 3.136 estudantes franceses, com idades entre 11 e 18 anos e por 191 adultos ingleses e 252 adultos franceses, de 12 e 15 escolas respectivamente. As ofensas verbais foram a forma de violência mais frequentemente observada em ambos os países, seguidos pelas brigas, roubos e extorsões. Mais de 40% dos alunos franceses afirmaram que existia extorsão em suas escolas, em comparação com 26,3% na Inglaterra.

Fante (2011) diz que no Ensino Médio a maioria dos maus-tratos ocorre de forma disfarçada, principalmente na 1ª e 2ª séries, semelhantes às séries finais do Ensino Fundamental, ou através de pequenos ataques abertos. Sua maior incidência faz-se notar nos apelidos, ofensas, ameaças e brigas dentro e fora da escola.

Os dados encontrados neste estudo mostram que 18,4% dos estudantes pesquisados consideram-se vítimas de agressão, corroborando com alguns estudos realizados sobre a temática no Brasil e no mundo, como o estudo de Craig *et al.* (2009) desenvolvido em 40 países com 202.056 estudantes de 11, 13 e 15 anos, onde 26% dos adolescentes participantes relataram envolvimento em *bullying*.

Outro estudo realizado na Noruega realizado com 419 crianças e adolescentes com idades entre 7 e 16 anos revela que 17 estudantes relataram ter sido vítimas de *bullying* semanal ou diariamente, tendo estas mais chances de desenvolver sintomas emocionais e de saúde somáticos (LOHRE *et al.*, 2011).

No Brasil, destaca-se o estudo desenvolvido pela ABRAPIA em 2002 em 11 escolas no Rio de Janeiro com 5800 estudantes de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, onde 16,9% dos estudantes se identificaram como vítimas de violência (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008).

Quando a ocorrência ou não da agressão foi associada com a série, sexo ou raça/cor da pele, não houve diferença significativa, o que vai contra algumas pesquisas realizadas, tais como a Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE), a primeira pesquisa realizada em todas as capitais brasileiras e o Distrito Federal que investigou vários aspectos sobre a saúde de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e que elucida diferenças das manifestações da violência por sexo, sendo ela mais frequente entre os escolares do sexo masculino (IBGE, 2009). No que diz respeito à idade, os achados deste estudo são os mesmos encontrados nos demais, quanto maior a idade, menor a chance dele vir e ser vítima de agressão ($p < 0,05$). Um estudo desenvolvido por Carvalhosa, Lima e Matos (2001) em Portugal revela que entre os 6.903 estudantes pesquisados, os mais novos e os que frequentam anos de escolaridade mais baixos estão significativamente mais envolvidos em comportamentos de vitimização.

Na pesquisa realizada por Wang *et al.* (2010), eles consideram que em certos grupos de adolescentes mais do que em outros as variáveis sexo, classe econômica e raça/cor da pele determinam a ocorrência ou não do *bullying*.

Em relação a constituição familiar percebe-se a predominância da família nuclear, que de acordo com Assis, Constantini e Avanci (2010) é a família tradicional, formada pelos pais e pelos filhos todos juntos morando na mesma casa. Ao associar o arranjo familiar com a presença ou não de agressão ($p < 0,05$), filhos de pais separados/divorciados tem mais chances de serem agredidos do que filhos de pais casados. Atribui-se a este achado o fato de filhos que moram com os pais, na mesma casa terem o apoio e acompanhamento mais próximo, a união e o apoio da família pode tornar o estudante mais preparado para enfrentar as adversidades.

Quanto à tipologia das agressões, destaca-se a forma verbal, identificada por $\frac{3}{4}$ (75%) dos estudantes pesquisados, seguido da forma psicológica, retratada por meio de humilhações, ameaças, intrigas e propagação de boatos e também a violência física, em mais de $\frac{1}{4}$ dos pesquisados (26,5%), considerando a variável “bater”. As agressões verbais se destacam pelo uso de apelidos, algumas vezes maldosos, que mesmo se tratando de adolescentes e até alguns adultos incomodam e nem sempre são considerados “brincadeiras”. Este achado está de acordo com outros autores em que a forma verbal foi a mais prevalente, como o estudo realizado por Moura, Nova Cruz e Quevedo (2011) em São Paulo com 1.075 alunos de Ensino Fundamental e que evidenciou 75,1% das intimidações eram verbais, 62,4% físicas, 23,8% psicológicas, 6,3% racistas e 1,1% sexuais.

Wang *et al.* (2010), em um estudo transversal desenvolvido com 7.475 alunos americanos revelou que 36,9% das agressões foram verbais, seguidas por 57,9% psicológica,

como excluir do grupo e espalhar boatos e 13,2% das agressões foram físicas, indo de encontro com os resultados deste estudo.

No que diz respeito á frequência, mais da metade (55,9%) das vítimas foi agredida uma única vez e aproximadamente 1/5 (19,1%) relata ser agredido três vezes ou mais. Alguns autores estabelecem critérios para definir um evento de violência escolar como *bullying*, e dentre estes, está a frequência. Fante e Pedra (2008) referem que para considerarmos um caso de *bullying*, este tem que ocorrer repetitivamente contra a mesma vítima por um longo período de tempo, desequilíbrio de poder e ausência de motivos que justifiquem o ataque. Entretanto, deve-se levar em consideração o dano que esta agressão causou para a vítima, visto que uma única agressão física grave ou sexual traz consequências bastante drásticas para quem sofre.

Quanto ao local do evento, a sala de aula configura-se como principal local, seguido dos espaços na hora do intervalo, o que corrobora ao que refere Fante (2011) e Lopes Neto e Saavedra (2008), onde as condutas de *bullying* foram praticadas com maior intensidade nas salas de aula. Entretanto, Pereira (2002) voltou suas atenções para os momentos de recreação, visto a alta intensidade com que o *bullying* se manifestava nestes lugares em escolas portuguesas.

Considerando a escola como um espaço de construção de saberes e formação da personalidade, configura-se como algo grave a violência ocorrer em um ambiente que a rigor tem um profissional presente, o professor. Será que o mesmo ignora tudo isso?

Em relação a outros aspectos da agressão, este estudo mostrou que as agressões são realizadas em sua maioria por uma única pessoa, colega de escola e estas não são perseguidas após serem agredidas. As agressões foram presenciadas por algumas pessoas e estas procuraram ajuda de um adulto ou pediram ao agressor que parasse.

Quanto ao fato de presenciar um evento agressivo, aproximadamente metade (44,4%) dos pesquisados relataram ter visto a cena. Ao associar o sexo e raça/cor da pele com este desfecho, percebe-se que não há diferença significativa entre os abordados. Mas, quando se trata da série e idade, os alunos do 3º ano e os mais velhos presenciam menos episódios de agressão ($p < 0,05$). Alia-se a este fato a autonomia e o poder de se defender dos demais.

No estudo realizado por Fischer *et al.* (2010) em 2009 em escolas brasileiras afirmou que quase 9% dos alunos afirmam ter visto colegas serem maltratados no ambiente escolar várias vezes por semana e outros 10% que veem esse tipo de cena todos os dias.

Os tipos de agressões mais vistos foram a verbal, seguida da psicológica e da física, ocorrendo na sala de aula e no intervalo, sendo que sua atitude ao verem foi nula, simplesmente nada fizeram.

As testemunhas não tem envolvimento direto com o *bullying*, mas acabam por desempenhar um papel importante, seja como testemunhas passivas ou ativas. As passivas calam-se e se omitem diante de cenas de *bullying* que presenciam, ou por medo de se tornarem vítimas, ou simplesmente porque acham que isso é algo que não lhes diz respeito, o que se configura com o estudo. As testemunhas podem ser ativas de dois modos: ou aplaudem e apoiam os agressores e se constituem, assim, em importante plateia que fortalece o *bullying*, ou então procuram ajudar ou dar apoio às vítimas (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010).

No que concerne aos agressores, o estudo mostra que dos 369 estudantes pesquisados, 9,5% se consideram agressores. Pesquisa realizada por Fischer *et al.* (2010) refere que 29% dos alunos afirmam que já maltrataram colegas no ambiente escolar pelo menos uma vez no ano de 2009 e 10% afirmam já ter praticado *bullying*.

As formas de violência relatadas trazem o mesmo perfil das vítimas e testemunhas, caracterizado por agressões verbais, psicológicas e físicas e foram realizadas uma ou duas vezes nos dois meses anteriores ao estudo.

Os cenários novamente se enquadram na sala de aula e intervalo, o que já evidenciou-se por meio de vários estudos.

Quanto ao fato de continuar agredindo, a maioria não pretende prosseguir com a prática e quanto aos motivos, o termo “brincadeira” foi referido por mais da metade (60,0%) dos indagados. Sobre os sentimentos apontados pelos agressores, a maioria dos autores aponta sentimentos negativos como pena, raiva, porém alguns referiram sentir carinho pelas vítimas.

Em relação às punições, quase $\frac{1}{4}$ (22,9%) dos autores dos atos violentos foram punidos e praticamente $\frac{1}{3}$ (34,3%) reconhecem que precisam de ajuda para melhorar. As práticas de *bullying* colidem frontalmente com direitos fundamentais previstos no art. 5º da Constituição Federal de 1988, devendo ser também, por isso, coibidas e combatidas por todos os brasileiros (CALHAU, 2011). Cerca da metade dos agressores (45,7%) desejam mudar seu comportamento e como atitudes para isso, tentaram se controlar diante de situações que levassem à nova prática de agressões.

As punições referidas no presente estudo foram castigo, suspensão das atividades escolares e conversa com os pais e os agressores. Não foi referido no estudo casos mais

graves de medidas administrativas, como expulsão ou acionamento de outras instâncias, como Conselho Tutelar ou polícia.

A partir do exposto torna-se imprescindível trazer as discussões sobre a violência nas escolas para que os avanços e respostas possam ser oferecidos a toda a sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou dimensionar a presença do *bullying* em escolas de Ensino Médio, consolidando-se como um estudo pioneiro realizado no município de Sobral, revelando que o contexto da violência escolar está presente em todas as escolas no Brasil e no mundo.

Este assunto é de extrema relevância no contexto atual da educação e da saúde, sendo necessárias medidas para a redução destas práticas violentas que acarretam consequências nefastas na vida de quem sofre.

Acredita-se que mais estudantes sofram deste agravo, mas sentem medo de falar e tornarem-se as próximas vítimas, pois durante a coleta de dados muitos indagavam sobre o que ia ocorrer com eles, caso a ocorrência do evento fosse positiva. Atribui-se a este fator também o motivo da clientela estudada, embora os estudos afirmem que a ocorrência do *bullying* seja mais frequente nos anos iniciais de estudo, constatou-se que também acontece em estudantes em séries mais avançadas. Muitas vezes as agressões vem de cedo e quando “eclodem” surgem casos de barbáries, como a noticiada no Rio de Janeiro, em Realengo no ano de 2011.

O *bullying* se expressa de diversas formas e no estudo, onde traçamos o perfil dos alunos, configurando-os como vítimas, testemunhas e agressores, percebeu-se em todas as situações a ocorrência destes eventos que a forma verbal foi a forma que predominou e a sala de aula e intervalo os locais onde o evento ocorre com mais frequência.

Em relação às limitações do estudo, pode-se destacar o número de alunos, a mistura de “formatos” de escolas, visto que uma escola funciona como supletivo e poucos são os alunos que frequentam a escola diariamente e outra de ensino profissionalizante, em que o aluno passa todo o dia na escola, o que faz refletir se nessa metodologia de educação ele é ou não mais exposto à violência.

Um ponto considerado importante foi a falta de punição a quase $\frac{3}{4}$ dos agressores dos agressores, o que faz os mesmos continuarem realizando atos de violência. É necessário que a escola reconheça a violência como um fato social e complexo, que acontece diariamente, cabendo à direção o uso de medidas disciplinares ou a inserção deste aluno em estratégias de redução das praticas violentas no ambiente escolar, vislumbrando um foco educativo e não punitivo. O trabalho em parceria com outras instituições de áreas distintas é importante para o acompanhamento psicológico e pedagógico das vítimas.

Ressalta-se aqui a necessidade da criação de uma rede de enfrentamento à violência escolar bem articulada, de mais estudos no Estado do Ceará e de programas preventivos de violência escolar para auxiliar no planejamento das intervenções que reduzam esta prevalência. Destaca-se também a adoção de políticas públicas para a prevenção da violência e adoção da cultura de paz em todos os ambientes educacionais, envolvendo toda a sociedade.

Este estudo poderá contribuir para ajudar pais, educadores, estudantes, profissionais de saúde e gestores no enfrentamento deste problema na busca de um agir educativo com políticas públicas efetivas. Para isso, pretende-se capacitar educadores no sentido de reconhecer, diagnosticar e encaminhar adequadamente cada caso, considerando as peculiaridades sociais, econômicas e culturais de cada escola e cada comunidade.

Além disso, como disseminação deste estudo, pretende-se a divulgação do mesmo através de um capítulo de livro, artigos científicos, participação de eventos científicos voltados para a temática, divulgação para gestores da educação e saúde, elaboração de folder com recomendações e divulgação através da imprensa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. B.; CARDOSO, L. R. D.; COSTA, V. V. *Bullying*: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. **Psicol. Argum.**, v. 27, n. 58, p. 201-206, 2009.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicol. Soc.**, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.
- ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola**: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Editora Fiocruz, 2010.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96. Decreto 9939333 de janeiro de 1987. Estabelece critérios sobre pesquisa envolvendo seres humanos. **Bioética**, v. 4, n. 2, supl., 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM nº737, de 16 de maio de 2001. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 maio 2001. n. 96, seção 1e.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. 1.ed. Brasília, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Temático**: Prevenção de Violência e Cultura de Paz III. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Viva**: vigilância de violências e acidentes, 2006 e 2007. Brasília, 2009.
- CALHAU, L. B. **Bullying**: o que você precisa saber – identificação, prevenção e repressão. 3. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2011.
- CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G. *Bullying*: provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. **Anál. Psicol.**, v. 4, n. 19, p.523-537, 2001.
- CRAIG, M. *et al.* A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. **Int. J. Public Health**, v. 54, Suppl. 2, p. 216-224, 2009.
- CRURRIE, C. *et al.* **Inequalities in young people's health**: HBSC international report from the 2005/2006 survey. Copenhagen: World Health Organization, 2008
- CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying**: como combatê-lo? São Paulo: Itália Nova, 2004.
- COSTA, M. C. O. *et al.* O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 12, n. 5, p. 1129-1141, 2007.
- DERBABIEUX, E. Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas? In: DERBABIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas**: dez abordagens europeias. Brasília: Unesco, 2002.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 6. ed. Campinas: Verus, 2011.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do Ensino Fundamental. **Psicol. Refl. Crít.**, v. 22, n. 1, p. 200-207, 2009.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Rev. Port. Educ.**, v. 19, n. 2, p.157-183, 2006.

FISCHER, R. M. *et al.* **Bullying escolar no Brasil**: sumário executivo. São Paulo: CEATS/FIA, 2010.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. M. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. **Rev. Port. Educ.**, v. 22, n. 2, p. 249-267, 2009.

IBGE. **Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro, 2009.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

KRUG, E.G. *et al.* (Org.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LIMA, E. Câmara Municipal de Sobral aprova lei *antibullying*. **Jornal O Povo Online**, Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/blogdoeliomar/camara-municipal-de-sobral-aprova-lei-antibullying/>>. Acesso em: 10 maio 2011.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr.**, v. 81, n. 5, Supl., p. S164-S172, 2005.

LOPES NETO, A. A. **Bullying**: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não ao Bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. 2. ed. Passo Fundo: Battistel, 2008.

LOHRE, A. *et al.* Peer victimization as reported by children, teachers, and parents in relation to children's health symptoms. **BMC Public Health**, v. 11, p. 278, 2011. Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.gov/pmc/articles/PMC3115857/?tool=pubmed>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

MALTA, D. C. *et al.* *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 15, n. 9, Supl. 2, p. 3065-3076, 2010.

MIRANDA, S.; DUSI, M. **Previna o bullying**: jogos para uma cultura de paz. Campinas, São Paulo: Papirus, 2011.

MOSCOSO, L. **Governo do Ceará cria serviço Disque-bullying**. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1007535>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

MOURA, D.R.; NOVA CRUZ, A.C.; QUEVEDO, L.A. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. **J. Pediatr.**, v. 87, n.1, 2011.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: facts and intervencion. **Eur. J. Psychol. Educ.**, v. 4, p. 495-510, 1997.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, A. B. B. **Cartilha 2010: projeto justiça na escola**. 1. ed. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010a.

SOBRAL. Prefeitura Municipal. Sobral, 2011. Disponível em:<<http://www.sobral.ce.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 mar. 2011.

SPOSITO, M.P. A instituição escolar e a violência. *In*: CARVALHO, J. S. **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.

WANG, J. *et al.* Co-occurrence of victimization from Five subtypes of bullying: physical, verbal, social exclusion, spreading rumors, and cyber. **J. Pediatr. Psychol.**, v. 35, n. 10, p. 1103-1112, Nov. 2010. Disponível em: <<http://www.ncbi.nih.gov/pmc/articles/PMC2980945/?tool=pubmed>>. Acesso em: 21 Jan. 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – OFÍCIO À INSTITUIÇÃO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA**

Ofício s/n

Ilma. Coordenadora da 6ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
– 6ª CREDE/Sobral

Sra. Francisca Valdízia Bezerra Ribeiro

Eu, KÉSIA MARQUES MORAES, aluna regularmente matriculada no Mestrado Acadêmico em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará - UFC, venho mui respeitosamente solicitar vossa autorização para realizar minha dissertação de Mestrado em Saúde Pública nas Escolas de Ensino Médio da Sede de Sobral, intitulada BULLYING ENTRE ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO: A DESCRIÇÃO DO FENÔMENO EM ESCOLAS DE SOBRAL - CEARÁ, que tem como objetivos: medir a prevalência de *bullying* entre estudantes do Ensino Médio de escolas públicas do município de Sobral – CE; descrever o perfil socioeconômico dos estudantes; conhecer as impressões dos estudantes sobre o ambiente escolar; identificar situações em que o estudante se encontra como vítima, observador ou agressor e investigar os mecanismos de enfrentamento do estudante frente ao *bullying*.

A violência escolar é um problema mundial, que ocorre em todas as camadas sociais, assumindo proporções na contemporaneidade e expressando-se de forma crescente no âmbito social. Portanto, faz-se necessário buscar compreender este fenômeno, marcado por repercussões para a vida de todos que se envolvem.

Certa de contar com a vossa colaboração, reitero meus sinceros agradecimentos.

Sobral, 03 de fevereiro de 2011.

Késia Marques Moraes

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Caro estudante ou responsável,

Sou aluna do curso de Mestrado em Saúde Pública da Universidade Federal do Ceará – UFC e estou desenvolvendo uma pesquisa científica sobre a violência nas escolas, mais conhecida por *Bullying* nas Escolas da Rede Pública de Ensino do Município de Sobral – CE. Nesse sentido, solicito sua colaboração na participação dessa pesquisa, aceitando responder ou autorizando o menor responder a um questionário contendo 08 blocos de questões, de marcar e responder, onde, em 25 minutos aproximadamente você será capaz de concluir suas respostas.

Os dados serão apresentados na Universidade Federal do Ceará – UFC, respeitando o caráter confidencial das identidades. Será garantido que sua participação ficará no anonimato e não será divulgado seu nome.

Você tem o direito de não participar dessa pesquisa, se assim o desejar, mas seria importante sua participação, porque você faz parte das pessoas que direta/indiretamente estão envolvidas neste processo. Esse trabalho poderá proporcionar uma reflexão por parte dos profissionais que integram o sistema de educação em Sobral no sentido de colaborar na adoção de políticas de paz como promoção da saúde.

Aceitando participar, se por qualquer motivo, durante o andamento da pesquisa, resolver desistir, tem toda liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento. Reforçamos que sua colaboração e participação poderão trazer benefícios para o desenvolvimento científico. Sua participação não lhe trará riscos à saúde, nem mesmo risco de receber advertência por ter participado ou não. Tudo ocorrerá em sigilo.

Em caso de dúvidas, procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú, situado à Avenida Dr. Guarany, nº 317 – prédio do Centro de Ciências da Saúde, Bairro Derby – Sobral/Ceará, telefone (88) 3677-4255.

Para possíveis esclarecimentos, estou disponível pelo telefone (88)9901-7677.

Atenciosamente,

Assinatura da Pesquisadora

Termo de Consentimento Pós – informado

Declaro que tomei conhecimento do estudo cujo título é “Bullying entre Escolares do Ensino Médio: a descrição do fenômeno em Escolas de Sobral - Ceará”, realizado pela pesquisadora Késia Marques Moraes. Compreendi seus propósitos e concordo em participar da pesquisa. Não me oponho a responder as perguntas e nem ao modo como será aplicado o questionário, assim como posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Sobral, ____ de _____ de 2011.

Ciente: _____

Assinatura do estudante ou responsável

Assinatura da pesquisadora

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO PARA O ESTUDO DA VIOLÊNCIA ENTRE PARES

Universidade Federal do Ceará – UFC
 Departamento de Saúde Coletiva
 Mestrado em Saúde Pública
 Universidade Estadual de Campinas
 Faculdade de Educação Física

QUESTIONÁRIO PARA O ESTUDO DA VIOLÊNCIA ENTRE PARES

Este questionário destina-se a recolher opiniões dos estudantes sobre alguns aspectos de sua vida escolar. É anônimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial. A sua colaboração sincera é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola. Muito obrigado pela sua colaboração.

A. Começaremos solicitando a você alguns dados de caráter pessoal.	
1. ANO DE ESCOLARIDADE 1() 1ºAno 2() 2ºAno 3() 3ºAno	A1a.: _____
2. QUE IDADE VOCÊ TEM? _____ANOS	A2a.: _____
3. SEXO 1() Masculino 2() Feminino	A3a.: _____
4. ONDE VOCÊ NASCEU? 1() Estado do Ceará 2() outro Estado.Qual?_____ 3() outro país.Qual?_____	A4a.: _____
5. QUAL É A PROFISSÃO DO SEU PAI?	A5a.: _____
6. QUAL É A PROFISSÃO DA SUA MÃE?	A6a.: _____
7.QUAL É O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO SEU PAI? 1() Não sabe ler nem escrever 2() Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade 3() Ensino fundamental I (1ª. a 4ª série) 4() Ensino fundamental II (5ª. a 8ª. série) 5() Ensino médio 6()Ensino Superior	A7a.: _____
8.QUAL É O NÍVEL DE ESCOLARIDADE DE SUA MÃE? 1() Não sabe ler nem escrever 2() Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade 3() Ensino fundamental I (1ª. a 4ª série) 4() Ensino fundamental II (5ª. a 8ª. série) 5() Ensino médio 6()Ensino Superior	A8a.: _____
9. ONDE O SEU PAI NASCEU? 1() Estado do Ceará 2() outro Estado.Qual?_____ 3() outro país.Qual?_____	A9a.: _____
10. ONDE A SUA MÃE NASCEU? 1() Estado do Ceará 2() outro Estado.Qual?_____ 3() outro país.Qual?_____	A10a.: _____
11. QUAL A SITUAÇÃO CIVIL DOS SEUS PAIS? 1() Casados 2() Divorciados 3() Separados 4() Viúvo(a)	A11a.: _____

5() Amasiado(s) / Amigado(s) 6() Solteiros	
12. VOCÊ TEM IRMÃOS? 1() Sim 2() Não	A12a: _____
12.1 QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM? 1() Um 2() Dois 3() Três ou mais	A121a: _____
12.2 OS SEUS IRMÃOS SÃO: 1() Mais velhos 2() Mais novos 3() Mais velhos e mais novos 4() Mesma idade	A122a: _____
13. COM QUEM VOCÊ VIVE? 1() Com os pais 2() Com pais e irmãos 3() Só com a mãe 4() Só com o pai 5() Com mãe e irmãos 6() Com pai e irmãos 7() Com os avós 8() Com os tios 9() Outras Situações	A13a: _____
14. QUAL A SUA COR/RAÇA? 1() Branco 2() Negro 3() Mulato 4() _____	A14a: _____
15. QUAIS DESTAS ATIVIDADES CULTURAIS VOCÊ REALIZA? 1() Esportes 3() Teatro 5() Outra. Qual? _____ 2() Música 4() Dança 6() Nenhuma	A15a: _____
16. QUAL SUA RELIGIÃO? 1() Católica 3() Outra. Qual? _____ 2() Evangélica 4() Nenhuma	A16a: _____
17. VOCÊ FUMA? 1() Sim 2() Não	A17a: _____
18. VOCÊ FAZ USO DE BEBIDA ALCOÓLICA? 1() Sim 2() Não	A18a: _____
B. Agora, gostaríamos que falasse sobre alguns aspectos da sua vida escolar.	
1 . O QUE VOCÊ PENSA DO AMBIENTE DA SUA ESCOLA?	
2 . O QUE VOCÊ ACHA DO RELACIONAMENTO ENTRE AS PESSOAS DA SUA TURMA?	
C. 1. Nos dois últimos meses, você alguma vez se sentiu vítima de alguma das agressões abaixo, por parte de colegas, na escola ou nas suas imediações? (Assinale com um X as alternativas que correspondem às situações em que você foi vítima). () SIM () NÃO Se sim, prossiga para as questões seguintes. Se não, pule para a Questão D1	

1.1 EMPURRARAM VOCÊ? 1() Sim 2() Não	C11a: _____
1.2 AMEAÇARAM VOCÊ? 1() Sim 2() Não	C12a: _____
1.3 TIRARAM SARRO DE VOCÊ, HUMILHARAM VOCÊ? 1() Sim 2() Não	C13a: _____
1.4 BATERAM EM VOCÊ? 1() Sim 2() Não	C14a: _____
1.5 CHAMARAM VOCÊ DE NOMES OFENSIVOS? 1() Sim 2() Não	C15a: _____
1.6 LEVANTARAM CALÚNIAS / BOATOS A SEU RESPEITO (DISSERAM COISAS MÁIS DE VOCÊ OU DA SUA FAMÍLIA) 1() Sim 2() Não	C16a: _____
1.7 EXCLUÍRAM VOCÊ DO GRUPO (NÃO QUISERAM CONVIVER COM VOCÊ) 1() Sim 2() Não	C17a: _____
1.8 TIRARAM COISAS DE VOCÊ (OBJETOS PESSOAIS, DINHEIRO ETC.) 1() Sim 2() Não	C18a: _____
1.9 MACHUCARAM VOCÊ DE PROPÓSITO (BELISCARAM VOCÊ COM FORÇA; MACHUCARAM VOCÊ COM OBJETOS ETC.) 1() Sim 2() Não	C19a: _____
1.10 ESTRAGARAM SEUS OBJETOS PESSOAIS OU VESTUÁRIO, DE PROPÓSITO 1() Sim 2() Não	C110a: _____
1.11 APALPARAM VOCÊ, CONTRA A SUA VONTADE 1() Sim 2() Não	C111a: _____
1.12 FIZERAM INTRIGAS A SEU RESPEITO 1() Sim 2() Não	C112a: _____
1.13 OUTRAS AGRESSÕES OU PERSEGUIÇÕES QUAIS? 1() Sim 2() Não	C113a: _____
2. QUANTAS VEZES VOCÊ FOI AGREDIDO OU PERSEGUIDO NESSE PERÍODO DE TEMPO? 1() 1 vez 2() 2 vezes 3() 3 vezes 4() mais de 3 vezes	C2a: _____
3. EM QUE LOCAL OU LOCAIS OCORRERAM ESSAS SITUAÇÕES? 1() Sala de aula 5() Espaços de Educação Física (quadra,pátio,etc.) 2() Recreio/Intervalo 6() Vestiário/banheiro 3() Corredores e escadas 7() Imediações da escola 4() Refeitório/Cantina 8() Outra.Qual? _____	C3a: _____
4. NESSAS SITUAÇÕES, VOCÊ FOI AGREDIDO OU PERSEGUIDO POR: 1() 1 pessoa 2() 2 pessoas 3() Grupo de pessoas	C4a: _____
5. ESSAS PESSOAS ERAM COLEGAS DA SUA ESCOLA? 1() Sim 2() Não	C5a: _____
6. ALGUMA DESSAS PESSOAS OU DESSES GRUPOS AGREDIU OU PERSEGUIU VOCÊ MAIS DO QUE UMA VEZ NOS DOIS ÚLTIMOS MESES?	C6a: _____

1(<input type="checkbox"/>)Não 2(<input type="checkbox"/>)Sim, 2 vezes	3(<input type="checkbox"/>)Sim, 3 vezes 4(<input type="checkbox"/>)Sim, mais de 3 vezes	
6.1 SE SIM , VOCÊ AINDA CONTINUA A SER AGREDIDO OU PERSEGUIDO POR ESSA(S) PESSOA(S)? 1(<input type="checkbox"/>)Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		C61a: _____
6.2 A(S) PESSOA(S) QUE TE AGREDIU(RAM) ERA(M): 1(<input type="checkbox"/>) Do sexo masculino 2(<input type="checkbox"/>) Do sexo feminino 3(<input type="checkbox"/>) Ambos os sexos		C62a: _____
6.3 A(S) PESSOA(S) QUE TE AGREDIU(RAM) ERA(M): 1(<input type="checkbox"/>) Mais velhos 2(<input type="checkbox"/>) Mais novos 3(<input type="checkbox"/>) Da mesma idade		C63a: _____
6.4 A(S) PESSOA(S) QUE TE AGREDIU(RAM) ERA(M): 1(<input type="checkbox"/>) Da sua turma 2(<input type="checkbox"/>) De outra turma do mesmo ano 3(<input type="checkbox"/>) De outra turma de outro ano		C64a: _____
7. ALGUÉM PRESENCIOU (VIU) ESSA(S) SITUAÇÃO(ÇÕES)? 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		C7a: _____
8. SE SIM , O QUE FIZERAM AS PESSOAS QUE PRESENCIARAM (VIRAM)? 1(<input type="checkbox"/>) Não fizeram nada 6(<input type="checkbox"/>) Apoiaram o agressor 2(<input type="checkbox"/>) Fugiram/tiveram medo 7(<input type="checkbox"/>) Aconselharam a afastar-se do agressor 3(<input type="checkbox"/>) Recorreram a um adulto 8(<input type="checkbox"/>) Riram da situação 4(<input type="checkbox"/>) Pediram ao agressor para parar 9(<input type="checkbox"/>) Apoiaram o agredido 5(<input type="checkbox"/>) Aproximaram-se para ver 10(<input type="checkbox"/>) Outra. Qual? _____		C8a: _____
D. 1. Durante os dois últimos meses, você viu alguém ser vítima de alguma agressão abaixo, por parte de colegas, na escola ou nas suas imediações? (<input type="checkbox"/>) SIM (<input type="checkbox"/>) NÃO Se sim, prossiga para as questões seguintes. Se não, pule para a Questão E1 (Assinale com um X as alternativas que correspondem às situações que você observou).		
1.1 EMPURRAR COM VIOLÊNCIA 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D11a: _____
1.2 AMEAÇAR 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D12a: _____
1.3 TIRAR SARRO/HUMILHAR 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D13a: _____
1.4 BATER 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D14a: _____
1.5 CHAMAR DE NOMES OFENSIVOS 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D15a: _____
1.6 LEVANTAR CALÚNIAS / BOATOS (DIZER COIAS MÁS DE ALGUÉM OU DA SUA FAMÍLIA) 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D16a: _____
1.7 EXCLUIR DO GRUPO (NÃO QUERER CONVIVER COM ALGUÉM) 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D17a: _____
1.8 TIRAR COISAS (OBJETOS PESSOAIS, DINHEIRO ETC.) 1(<input type="checkbox"/>) Sim 2(<input type="checkbox"/>) Não		D18a: _____
1.9 MACHUCAR DE PROPÓSITO (BELISCAR COM FORÇA; FERIR COM		D19a: _____

OBJETOS ETC.) 1() Sim 2() Não	
1.10 ESTRAGAR OBJETOS PESSOAIS OU VESTUÁRIO, DE PROPÓSITO 1() Sim 2() Não	D110a:_____
1.11 APALPAR A PESSOA CONTRA A VONTADE DELA 1() Sim 2() Não	D111a:_____
1.12 FAZER INTRIGAS 1() Sim 2() Não	D112a:_____
1.13 OUTRAS AGRESSÕES OU PERSEGUIÇÕES 1() Sim 2() Não QUAIS?_____	D113a:_____
2. O QUE VOCÊ FEZ? / QUE ATITUDE TOMOU? 1() Não fiz nada 6() Apoiei o agressor 2() Fugi / tive medo 7() Aconselhei a pessoa a se afastar do agressor 3() Recorri a um adulto 8() Ri da situação 4() Pedi ao agressor para parar 9() Apoiei o agredido 5() Me aproximei para ver 10() Outra. Qual?_____	D2a:_____
3. ONDE OCORRERAM ESSAS SITUAÇÕES? 1() Sala de aula 5() Espaços de Educação Física (quadra,pátio,etc.) 2() Recreio/Intervalo 6() Vestiário/banheiro 3() Corredores e escadas 7() Imedições da escola 4() Refeitório/Cantina 8() Outra.Qual?_____	D3a:_____
E. 1. Nos dois últimos meses você teve para com algum colega, na escola ou nas suas imediações, alguma das atitudes ou comportamentos abaixo? () SIM () NÃO Se sim, prossiga para as questões seguintes. Se não, pule para a Questão F1 (Assinale com um X as alternativas que correspondam aos comportamentos ou atitudes que você teve).	
1.1 EMPURRAR COM VIOLÊNCIA 1() Sim 2() Não	E11a:_____
1.2 AMEAÇAR 1() Sim 2() Não	E12a:_____
1.3 TIRAR SARRO/HUMILHAR 1() Sim 2() Não	E13a:_____
1.4 BATER 1() Sim 2() Não	E14a:_____
1.5 CHAMAR DE NOMES OFENSIVOS 1() Sim 2() Não	E15a:_____
1.6 LEVANTAR CALÚNIAS / BOATOS (DIZER COIAS MÁS DE ALGUÉM OU DA SUA FAMÍLIA) 1() Sim 2() Não	E16a:_____
1.7 EXCLUIR DO GRUPO (NÃO QUERER CONVIVER COM ALGUÉM) 1() Sim 2() Não	E17a:_____
1.8 TIRAR COISAS (OBJETOS PESSOAIS, DINHEIRO ETC.) 1() Sim 2() Não	E18a:_____

1.9 MACHUCAR DE PROPÓSITO (BELISCAR COM FORÇA; FERIR COM OBJETOS ETC.) 1() Sim 2() Não	E19a: _____
1.10 ESTRAGAR OBJETOS PESSOAIS OU VESTUÁRIO, DE PROPÓSITO 1() Sim 2() Não	E110a: _____
1.11 APALPAR A PESSOA CONTRA A VONTADE DELA 1() Sim 2() Não	E111a: _____
1.12 FAZER INTRIGAS 1() Sim 2() Não	E112a: _____
1.13 OUTRAS Agressões ou Perseguições 1() Sim 2() Não QUAIS? _____	E113a: _____
2. QUANTAS VEZES VOCÊ PRATICOU ESSAS AÇÕES DURANTE ESSE PERÍODO DE TEMPO? 1() 1 vez 2() 2 vezes 3() 3 vezes 4() mais de 3 vezes	E2a: _____
3. EM QUE LOCAL OCORRERAM ESSAS SITUAÇÕES? 1() Sala de aula 5() Espaços de Educação Física (quadra, pátio, etc.) 2() Recreio/Intervalo 6() Vestiário/banheiro 3() Corredores e escadas 7() Imediações da escola 4() Refeitório/Cantina 8() Outra.Qual? _____	E3a: _____
4. ESTAS AÇÕES FORAM PRATICADAS EM GRUPO COM OUTROS COLEGAS OU SOZINHO? 1() Sozinho 2() Em grupo	E4a: _____
5. AO LONGO DESTES DOIS MESES, VOCÊ AGREDIU OU PERSEGUIU ALGUM DOS SEUS COLEGAS MAIS DO QUE UMA VEZ? 1() Não 3() Sim, 3 vezes 2() Sim, 2 vezes 4() Sim, mais de 3 vezes	E5a: _____
6. VOCÊ AINDA CONTINUA A AGREDIR OU PERSEGUIR ALGUM DESSES COLEGAS? 1() Sim 2() Não	E6a: _____
7. NA SUA OPINIÃO, QUAIS AS RAZÕES QUE LEVAM VOCÊ A TER ESSES COMPORTAMENTOS? 1() Vingança 4() "Brincadeira" 2() Defesa de outros colegas 5() Reação a provocações 3() Desprezo 6() Irritação 7() Outra.Qual? _____	E7a: _____
8. O QUE VOCÊ SENTE PELOS COLEGAS QUE VOCÊ AGRIDE OU PERSEGUE NA ESCOLA? 1() Raiva 4() Carinho 2() Desprezo 5() Nada 3() Pena 6() Outra.Qual? _____	E8a: _____
9. A(S) PESSOA(S) QUE VOCÊ AGREDIU OU PERSEGUIU ERA(M): 1() Do sexo masculino 2() Do sexo feminino 3() Ambos os sexos	E9a: _____
9.1. A(S) PESSOA(S) QUE VOCÊ AGREDIU OU PERSEGUIU ERA(M):	E91a: _____

1() Mais velhos 2() Mais novos 3() Da mesma idade	
9.2. A(S) PESSOA(S) QUE VOCÊ AGREDIU OU PERSEGUIU ERA(M): 1() Da sua turma 2() De outra turma do mesmo ano 3() De outra turma de outro ano	E92a: _____
10. ALGUÉM PRESENCIOU (VIU) ESSA(S) SITUAÇÃO(ÇÕES)? 1() Sim 2() Não	E10a: _____
10.1 SE SIM , O QUE FIZERAM AS PESSOAS QUE PRESENCIARAM (VIRAM)? 1() Não fizeram nada 6() Apoiaram você 2() Fugiram/tiveram medo 7() Aconselharam a se afastar de você 3() Recorreram a um adulto 8() Riram da situação 4() Pediram a você para parar 9() Apoiaram o agredido 5() Aproximaram-se para ver 10() Outra. Qual? _____	E101a: _____
11. VOCÊ FOI CASTIGADO POR CAUSA DESSA OU DESSAS SITUAÇÕES? 1() Sim. Qual foi o castigo? _____ 2() Não	E11a: _____
12. ALGUÉM JÁ TE AJUDOU A MODIFICAR O SEU COMPORTAMENTO? 1() Sim. Quem? _____ 2() Não	E12a: _____
13. VOCÊ GOSTARIA DE TER UM COMPORTAMENTO DIFERENTE COM OS SEUS COLEGAS? 1() Sim 2() Não	E13a: _____
13.1 POR QUÊ? _____ _____	E131a: _____
14. SE SIM , O QUE VOCÊ JÁ FEZ PARA MUDAR O SEU COMPORTAMENTO? 1() Não reagi às provocações 2() Me controlei melhor 3() Convivi mais com os colegas 4() Convivi menos com os colegas 5() Nada 6() Outro. Qual? _____	E14a: _____
F. 1. O que você pensa acerca do problema da agressividade na escola? _____ _____ _____	
2. VOCÊ SE CONSIDERA VÍTIMA DE AGRESSÃO OU PERSEGUIÇÃO POR OUTRAS PESSOAS NA ESCOLA? 1() Sim 2() Não Se você respondeu não, passe para a pergunta 3.	F2a: _____
2.1. O QUE VOCÊ SENTE QUANDO TE AGRIDEM OU TE PERSEGUEM? _____ _____	
2.2. QUE MOTIVOS VOCÊ DÁ PARA ESSAS SITUAÇÕES? _____ _____	

<hr/>	
<p>2.3. O QUE VOCÊ FAZ QUANDO SE SENTE AGREDIDO(A) OU PERSEGUIDO(A) POR ALGUÉM NA ESCOLA?</p> <hr/> <hr/> <hr/>	
<p>2.4. VOCÊ JÁ PEDIU AJUDA A ALGUÉM PARA SUPERAR ESTE PROBLEMA?</p> <p>1() Sim 2() Não</p> <p>Se sim, a quem? _____</p> <hr/>	F24a: _____
<p>3. VOCÊ ACHA QUE OS SEUS COLEGAS TE CONSIDERAM UMA PESSOA AGRESSIVA?</p> <p>1() Sim 2() Não</p> <p>Por que? _____</p> <hr/>	F3: _____
<p>3.1. VOCÊ CONCORDA COM A OPINIÃO DOS SEUS COLEGAS?</p> <p>1() Sim 2() Não</p> <p>Por que? _____</p> <hr/>	F3.1: _____
<p>G. 1. QUALQUER OUTRO ASPECTO QUE VOCÊ QUEIRA ACRESCENTAR SOBRE A SUA VIDA ESCOLAR, PODE ESCREVER AQUI.</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAU
Comitê de Ética em Pesquisa

ANEXO B



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Ciência, Tecnologia
e Educação Superior

82

PARECER CONSUBSTANCIADO DE ANÁLISE DE PROTOCOLO DE PESQUISA

I. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO			
Processo Nº: 400374	Protocolo Nº: 981	Data de entrada CEP: 02/03/2011	
CAAE: 0021.0.039.000-11			
Título: BULLYING ENTRE ESCOLARES DO ENSINO MEDIO: A DESCRICAO DO FENOMENO EM ESCOLAS DE SOBRAL ? CEARA			
Área de conhecimento: Ciências da Saúde	Grupo: III	Nível: EPIDE...	Fase: N/A
Pesquisador responsável: KESIA MARQUES MORAES		Titulação máxima: Especialista	
Finalidade	DISSERTAÇÃO DE MESTRADO		
Objetivo geral	Descrever a prevalência do bullying entre estudantes do Ensino Médio de Escolas Públicas de Sobral ? CE.		
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever o perfil socioeconômico dos estudantes; - Conhecer as impressões dos estudantes sobre o ambiente escolar; - Identificar situações em que os estudantes se encontram como vítima, observadores ou agressores; - Investigar os mecanismos de enfrentamento dos estudantes frente ao bullying. 		

II. ANÁLISE CRÍTICA E ÉTICA RESPALDADA NA Res.196/96 E COMPLEMENTARES DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE

O protocolo de pesquisa foi analisado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú, na reunião do 13 de Abril de 2011, tendo sido deliberado o que se segue:

O protocolo de pesquisa foi analisado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Acaraú, na reunião do dia 13 de abril de 2011, tendo sido deliberado o que se segue:

Projeto de pesquisa pertinente e de significado valor científico para a área de Saúde e Educação Destacamos que o protocolo encontrase bem delineado com metodologia adequada, embora a folha de rosto apresente pendencias, onde a Instituição proponente deve ser a instituição que o pesquisador esta vinculado UFC e incluir a Instituição coparticipante que e CREDE/SOBRAL. Os documentos que asseguram a proteção dos sujeitos (TCLE e TCP) constam no projeto Recomendado o ajuste do projeto

III. DECISÃO DO PLENÁRIO E PARECER DO CEP	IV. DATA
Aprovado o voto do relator(a). Projeto classificado como: Aprovado	Sobral (CE), 09 de Maio de 2011


Profª Drª Maristela Inês Osawa Chagas
Coordenadora do CEP/UVA